

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS MARÇO 1989



A LIAHONA

Março de 1989 Volume 42 nº 3
PBMA8903PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald, Jane Ann Kemp, Timothy Sheppard, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "Fazei Isto em Memória de Mim", de Harry Anderson, © Pacific Press Publishing Association. Usado com permissão.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCz\$ 3,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: NCz\$ 0,25.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A Liahona is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POST MASTER: Send address changes to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150 U.S.A.

ÍNDICE

- 2 SAUDAÇÃO DE PÁSCOA DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
- 3 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
O SÍMBOLO DE CRISTO Presidente Gordon B. Hinckley
- 8 ENTENDER O SACRAMENTO DO SENHOR Élder David B. Haight
- 15 PERGUNTAS E RESPOSTAS: *Elementos do jejum* J. Roger Fluhman
Indigno para passar o sacramento Rex W. Allred
- 17 UMA LIÇÃO DAS MARGARIDAS Ann Laemmlen
- 19 O MESSIAS INCONVENIENTE Jeffrey R. Holland
- 25 O CAPELÃO MUDOU DE IDÉIA Ralph Mortensen
- 27 NO CENÁCULO Marvin K. Gardner
- 29 OS VALES ESPIRITUAIS Carolyn J. Rasmus
- 30 SENTI SUAS ORAÇÕES Diana Hudson
- 31 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "IDE POR TODO O MUNDO"
- 32 COMPANHEIROS EM TUDO, MENOS NA IGREJA Renon Klossner Hulet
- 36 MANUAL DA FAMÍLIA: O TRATAMENTO DA DESIDRATAÇÃO

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

- 38 A MEMÓRIA Élder Carlos E. Asay
- 43 NÃO SE FIE Genevieve Van Wagenen
- 45 OS TRÊS FILHOS DE MEU AVÔ Thomas J. Griffiths
- 48 COMPARTILHANDO COM OS JOVENS: MENSAGENS DE ESPERANÇA

SEÇÃO INFANTIL

- 2 HISTÓRIA DAS ESCRITURAS: JESUS VISITA OS NEFITAS
- 4 UMA AMIGA COMPREENSIVA Ann S. Bushman
- 7 TEMPO DE COMPARTILHAR:
SER GRATO PELO SACRAMENTO Pat Graham
- 8 PÁGINA PARA COLORIR:
JESUS ACALMA A TEMPESTADE D. A. Stone





SAUDAÇÃO DE PÁSCOA DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Nesta sagrada época do ano, quando o mundo cristão presta especial homenagem ao sacrifício e ressurreição do Senhor Jesus Cristo, acrescentamos nosso solene testemunho disso ao de outros — de que o Senhor é, realmente, “o caminho a verdade e a vida”. Ele é o Messias prometido, o Redentor, o Príncipe da Paz. Testificamos que somente mantendo-se fiel a seus ensinamentos e exemplo pode o mundo ter a esperança de encontrar a verdadeira paz.

Em muitas partes do mundo agora é primavera, uma época em que a terra, as árvores e as flores se recuperam do inverno sem vida. A primavera simboliza a ressurreição do Salvador. Assim como a primavera inspira uma renovada esperança e uma nova vida, também o faz a ressurreição de Jesus Cristo. Este extraordinário evento ocorrido há cerca de dois mil anos, proporciona uma renovação a todos os que

estão dispostos a sobrepujar seus pecados e procuram moldar sua vida no perfeito exemplo do Mestre.

Nossa sincera oração é de que o Espírito de Cristo toque o coração das pessoas, em todos os lugares, especialmente os governantes das nações, para que sejam suscetíveis à divina influência do Senhor e procurem viver em espírito de paz e fraternidade com seus semelhantes.

Oramos também para que todas as pessoas possam entender melhor o significado da expiação do Salvador, que estabeleceu para nós um plano, uma maneira de viver, pela qual podemos encontrar a paz pessoal e familiar e a verdadeira felicidade nesta vida e na vida futura.

Presidente Ezra Taft Benson
Presidente Gordon B. Hinckley
Presidente Thomas S. Monson

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

O SÍMBOLO DE CRISTO

Presidente Gordon B. Hinckley Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Quando um novo templo é terminado, ou um antigo renovado, é costume abri-lo para visitação pública por alguns dias antes da dedicação, e convidar todos os que lá comparecerem a percorrer e examinar seu belo interior.

Lembro-me de certa visitação pública em que perto de um quarto de milhão de pessoas compareceu ao templo. Os clérigos de outras religiões receberam convites especiais para o primeiro dia de visitação, sendo que centenas deles compareceram. Tive o privilégio de falar-lhes e responder às suas perguntas ao final da visita. Disse-lhes que teríamos prazer em esclarecer qualquer dúvida que pudesse surgir. Muitas perguntas foram feitas. Entre elas, uma vinda de um ministro protestante.

Ele disse: “Percorri o edifício inteiro deste templo que ostenta o nome de Jesus Cristo, mas em parte alguma vi qualquer representação da cruz, o símbolo do cristianismo. Tenho notado prédios seus em outras partes e igualmente notei a ausência da cruz. Por que é assim, se afirmam acreditar em Jesus Cristo?”

Respondi: “Não pretendo ofender nenhum dos meus irmãos cristãos, mas, para nós, a cruz é o símbolo do Cristo morto, enquanto nossa mensagem é a proclamação do Cristo vivo.”

Então ele perguntou: “Se não usam a cruz qual é o símbolo da sua religião?”

Repliquei que a vida do nosso povo tem que se tornar a única expressão significativa de nossa fé, e o símbolo da nossa religião.

O nome oficial da igreja é: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nós o adoramos como Senhor e Salvador. A Bíblia é nossa escritura. Cremos que os profetas do Velho Testamento falavam sob inspiração divina quando predisseram a vinda do Messias. Gloriamos-nos nos depoimentos de Mateus, Marcos, Lucas e João a respeito do nascimento,

ministério, morte e ressurreição do Filho de Deus, o Unigênito do Pai na carne. Assim como Paulo, de outros tempos, não nos envergonhamos do “Evangelho de [Jesus] Cristo, pois é o poder de Deus para salvação”. (Romanos 1:16.) E como Pedro, afirmamos que Jesus Cristo é o único nome “dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos”. (Atos 4:12.)

O Livro de Mórmon que consideramos como o testamento do Novo Mundo, contendo os ensinamentos de profetas que viveram antigamente neste Hemisfério Ocidental, presta testemunho daquele que nasceu em Belém da Judéia e que morreu no alto do Monte Calvário. Para o mundo vacilante na fé, ele é mais outra testemunha poderosa da divindade do Senhor. Em seu prefácio, escrito por um profeta que andou pelas Américas há um milênio e meio, ele declara explicitamente que foi escrito “para convencer ao judeu e ao gentio de que JESUS é o CRISTO, o DEUS ETERNO, manifestando-se a todas as nações”.

Em Doutrina e Convênios, nosso livro de revelação moderna, ele próprio se apresenta com estas palavras categóricas: “Eu sou Alfa e Ômega, Cristo, o Senhor; sim, sou eu mesmo, o princípio e o fim, o Redentor do mundo.” (D&C 19:1.)

À luz de tais declarações e testemunhos, muitos poderiam perguntar, como indagou meu amigo ministro: Se professam crer em Cristo por que não usam o símbolo da sua morte, a cruz do Calvário?

Ao que devo responder primeiramente que nenhum membro desta Igreja jamais deve esquecer-se do terrível preço pago por nosso Redentor que entregou sua vida para que todos os homens pudessem viver — a agonia do Getsêmani, o amargo simulacro de seu julgamento, a maldosa coroa de espinhos rasgando-lhe a carne, o clamor sangüinário do povo, Pilatos, o pesado fardo de sua penosa caminhada até o Calvário, a terrível dor quando enormes cravos transpassaram suas mãos e

pés, a tortura febril de seu corpo ali dependurado naquele dia trágico, o Filho de Deus clamando: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.)

Isso foi a cruz, o instrumento de sua tortura, o terrível engenho para destruir o Homem da Paz, a malévola recompensa para seu milagroso trabalho de curar os enfermos, dar visão aos cegos, ressuscitar os mortos. Esta foi a cruz na qual pendeu e morreu no solitário pico do Gólgota.

Isto não podemos nem devemos esquecer, pois ali nosso Salvador e Redentor, o Filho de Deus, se deu a si próprio em sacrifício vicário por causa de cada um de nós. O desânimo, porém, daquela sombria noite antes do sábado judaico, quando seu corpo inanimado foi tirado da cruz e apressadamente sepultado numa tumba emprestada,



"O Enterro de Cristo" de Carl Heinrich Bloch. Original na capela do Castelo Frederiksborg, Dinamarca. Usado com a permissão do Museu de Frederiksborg.



exauriu a esperança até mesmo de seus mais ardentes e sábios discípulos. Estavam desolados, não entendendo o que ele lhes dissera antes. O Messias no qual criam estava morto. Fora-se seu Mestre no qual haviam colocado todo seu anseio, fé, esperança. Ele que falara de vida eterna, que levantara Lázaro da sepultura, agora havia morrido tão seguramente como todos os outros homens antes dele. Sua vida sofrida, breve, chegara ao fim. Essa vida que muito antes havia sido predita por Isaías. Fora “desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos...”

...ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre ele”. (Isaías 53:3, 5.) Agora ele havia partido.

Só podemos imaginar os sentimentos dos que o amavam ao ponderarem sua morte durante as longas horas do sábado judaico, o sábado de nosso calendário. Então raiou o primeiro dia da semana, o sábado do Senhor como passou a ser conhecido. As mulheres que foram ao sepulcro, cheias de tristeza, o anjo declarou: “Por que buscais o vivente entre os mortos?” (Lucas 24:5.)

“Ele não está aqui... já ressuscitou, como havia dito.” (Mateus 28:6.)

Eis o maior milagre da história humana. Ele lhes dissera anteriormente: “Eu sou a ressurreição e a vida.” (João 11:25.) Mas não o entenderam. Agora sabiam. Ele morrera em miséria, dor e solidão. Agora, no terceiro dia, levantou-se em poder, beleza e vida — as primícias de todos os que dormem, a certeza de todos os tempos de que “assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo”. (I Coríntios 15:22.)

No Calvário era Jesus morto. Do sepulcro emergiu o Cristo vivente. A cruz fora o amargo fruto da traição de Judas, o fim da negação de Pedro. Em contraposição

o sepulcro vazio tornou-se o testemunho de sua divindade, a certeza da vida eterna, a resposta para a pergunta de Jó: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14.) Tendo morrido, ele talvez fosse esquecido ou na melhor das hipóteses lembrado como um entre muitos grandes mestres cuja vida é condensada em poucas linhas nos livros de história. Agora, ressuscitando, tornara-se o Mestre da Vida. Agora, como Isaías, seus discípulos podiam cantar com fé segura: “Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da Paz.” (Isaías 9:6.)

Cumpridas estavam as palavras expectantes de Jó: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.

Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão; e por isso os meus rins se consomem dentro de mim.” (Jó 19:25-27.)

Bem fez Maria exclamando: “Raboni” (João 20:16) ao avistar o Senhor ressurreto, pois agora ele era mestre de fato, não só da vida, mas da própria morte. Fora-se o aguilhão da morte, quebrado o domínio do sepulcro. O temeroso Pedro ficou transformado. Até mesmo Tomé, o cético, declarou com sobriedade, reverência e realismo: “Senhor meu, e Deus meu!” (João 20:28.) “Não sejas incrédulo, mas crente” (João 20:27), foram as inesquecíveis palavras do Senhor naquela maravilhosa ocasião.

Seguiram-se aparições a muitos, incluindo, conforme registra Paulo, “uma vez por mais de quinhentos irmãos”. (I Coríntios 15:6.)

E aqui no Hemisfério Ocidental havia outras ovelhas das quais falara tempos antes. E o povo ali ouviu “uma voz que parecia vir do céu... E dizia-lhes: Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro e no qual

A vida do nosso povo tem que se tornar a única expressão significativa da nossa fé, e o símbolo de nossa religião.

glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir.

...e eis que viram um homem que descia, vestido com uma túnica branca, o qual desceu e se colocou no meio deles...

E aconteceu que ele estendeu a mão e assim falou ao povo:

Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas...

Levantai-vos e vinde a mim.” (3 Néfi 11:3, 8-10, 14.)

Seguem-se então neste belo relato muitas palavras do ministério do Senhor ressurreto ao povo da América antiga.

E finalmente, agora, existem testemunhas modernas, pois o Mestre de toda a humanidade tornou a vir para dar início a esta dispensação, a dispensação da profetizada plenitude dos tempos.

Numa gloriosa visão, ele — o Senhor ressurreto, vivo — e seu Pai, o Deus dos céus, apareceram a um profeta-menino, para novamente iniciar a restauração da antiga verdade. Seguiu-se uma verdadeira “nuvem de testemunhas” (Hebreus 12:1), e ele que fora o instrumento escolhido — Joseph Smith, o profeta moderno — declara com palavras sóbrias:

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai.” (D&C 76:22-23.)

Porque nosso Salvador vive, não usamos o símbolo da sua morte como símbolo de nossa fé. Mas, o que então havemos de usar? Nenhum sinal, nenhuma obra de arte, nenhuma forma representada se presta a expressar a glória e maravilha do Cristo Vivente. Ele nos disse qual deveria ser esse símbolo, quando falou: “Se me amardes, guardareis meus mandamentos.” (João 14:15.)

E por isso nossa vida tem de tornar-se uma expressão significativa, o símbolo declarado de nosso testemunho do Cristo Vivente, o Filho Eterno do Deus Vivente. É tão simples, meus irmãos e tão profundo — o símbolo de nossa declaração do Cristo Vivente é nossa própria vida. A forma como vivemos tem que ser uma expressão significativa de nosso testemunho do Filho Eterno do Deus Vivente. Convém que nunca nos esqueçamos disso. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Talvez queira ressaltar os seguintes pontos em sua mensagem de mestre familiar:

1. O sepulcro vazio se tornou testemunha da divindade de Jesus Cristo, a certeza da vida eterna. Tendo ressuscitado, ele se tornou o Mestre da vida e da morte.
2. Complementando os testemunhos antigos da ressurreição, existem testemunhas modernas — as visões e revelações do Profeta Joseph Smith e o solene testemunho de milhões de pessoas que testificam da viva realidade do Senhor.
3. Jesus Cristo é o centro da nossa fé, e o adoramos como nosso Senhor e Salvador.

Auxílios para o debate

1. Fale de seus sentimentos pessoais a respeito da ressurreição. Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.
2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar o assunto, depois de conversar com o chefe da família antes da visita? Há uma mensagem especial do bispo ou do líder do quorum?



ENTENDER O SACRAMENTO DO SENHOR

Élder David B. Haight
do Quorum dos Doze

Estive refletindo bastante ultimamente sobre nosso Salvador, sua expiação, e a eficácia de nossa reunião sacramental. Quando pensamos na mais sagrada das reuniões da Igreja, a reunião sacramental é uma das mais importantes. Ao assistir às reuniões sacramentais, contudo, tenho observado algumas coisas que me causam preocupação: uma aparente falta de preparação, e, em certas ocasiões, uma irreverência geral que impedem a séria adoração.

Isso me leva a imaginar: Qual é nossa atitude, como membros da Igreja, ao nos lembrarmos de nosso Senhor e Salvador, de seu sacrifício, e da dívida que temos para com ele? Nessa reunião, estamos proporcionando oportunidades de meditação, reflexão, reverência, arrependimento, e perdão?

Quando penso na memorável ocasião em que o Salvador instituiu o sacramento e o distribuiu a seus apóstolos, meu coração se enche de gratidão e de ternas emoções. Aquela foi de fato a mais especial e singular noite da história, a noite da festa da Páscoa que terminou com a infinita expiação feita pelo Filho de Deus.

Ela teve início com a ceia pascal. Jesus fez os preparativos para esta ceia em “um grande cenáculo”. (Lucas 22:12.) Esta Páscoa cumpriria oficialmente a exigência dos sacrifícios de animais.

É significativo o fato de que o Filho de Deus iniciou seu ministério terreno com uma ordenança — o batismo — e concluiu seu ministério com uma ordenança — o sacramento. Ambas testificam de sua morte, sepultamento e ressurreição!

INSTITUIÇÃO DO SACRAMENTO

O mais completo relato da instituição do sacramento por Cristo foi registrado por Néfi, o discípulo:

“E, quando os discípulos chegaram com pão e vinho, Jesus tomou do pão e repartiu-o, abençoando-o; e deu-o a seus discípulos, mandando que comessem.

E quando eles acabaram de comer e se acharam fartos, mandou que dessem à multidão.

E após ter a multidão comido e achar-se farta, disse ele aos discípulos: Eis que um dentre vós será ordenado, e a ele eu darei poder para repartir o pão, abençoá-lo e distribuí-lo ao povo de minha igreja, bem como a todos os que crerem e forem batizados em meu nome.

E sempre cuidareis de fazer isto, tal como eu fiz, da mesma forma com que eu repartí o pão, abençoei-o e vo-lo dei.

E isso fareis em memória do meu corpo, o qual vos mostrei. E será um testemunho ao Pai de que vos lembrais sempre de mim. E se lembrardes sempre de mim tereis meu Espírito convosco.

E sucedeu que, depois de ter assim falado, ordenou a seus discípulos que tomassem do vinho, bebessem-no e o dessem à multidão para beber também.

E aconteceu que eles assim procederam. Beberam e se fartaram, e deram à multidão, que bebeu e se fartou.

E, depois de terem os discípulos feito isso, disse-lhes: Bem-aventurados sois por haverdes feito isso, porque assim cumpris meus mandamentos e testificais ao Pai que tendes o desejo de cumprir o que vos ordeno.

E isso fareis sempre, a todos que se arrependerem e

Nesta última dispensação o Senhor restabeleceu a ordenança do sacramento por meio do Profeta Joseph Smith.

forem batizados em meu nome; e o fareis em memória do meu sangue, que derramei por vós, a fim de que testifiqueis ao Pai que sempre vos lembrais de mim. E se lembrardes sempre de mim, tereis o meu Espírito convosco.

E eu vos ordeno que façais estas coisas. E, se as fizerdes sempre, bem-aventurados sereis, porque estareis edificados sobre a minha rocha.

Mas, todos aqueles dentre vós que fizerem mais ou menos do que isso não estarão edificados sobre minha rocha, mas sobre uma base de areia; e quando as chuvas descenderem, as inundações vierem e os ventos soprarem e baterem sobre eles, cairão, e as portas do inferno já estarão abertas para os receber.” (3 Néfi 18:3-13.)

VERDADES SOBRE O SACRAMENTO

Pelos relatos do Livro de Mórmon e pelo depoimento das testemunhas do Novo Testamento, aprendemos diversas verdades importantes sobre o sacramento:

1. Jesus deu-se a si mesmo — seu corpo e seu sangue — em resgate dos nossos pecados. Ele sacrificou a vida para que possamos viver de novo.

2. Comemos o pão em lembrança de seu corpo, e assim recordamos a Páscoa, a Última Ceia, o Getsêmani, o Calvário, e a Ressurreição.

3. Seu sangue representa um novo testamento — um novo convênio com Israel. Bebemos da água em lembrança de seu sofrimento — um sofrimento tão doloroso que, disse ele, “me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os póros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar —

Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens”.

(D&C 19:18-19.)

4. Quando somos obedientes e sempre nos lembramos dele, estamos edificados sobre a rocha do seu evangelho. Somos abençoados ao vivermos os seus mandamentos. Devemos estar dignos ao partilhar desses emblemas. A dignidade pessoal ao partilhar o sacramento é exigida para que possamos receber o Espírito Santo. Morôni admoestou: “Procurai não participar indignamente do sacramento.” (Mórmon 9:29.)

Jesus instruiu os nefitas: “Não permitireis, sabendo-o, que ninguém participe indignamente de minha carne e do meu sangue, quando os ministrardes.

Porque todo aquele que comer e beber da minha carne e do meu sangue indignamente, come e bebe a condenação para sua alma; portanto, se souberdes que um homem é indigno de comer e beber da minha carne e do meu sangue, vós lho proibireis.” (3 Néfi 18:28-29.)

Que significa estar digno? A dignidade implica todas as perguntas mencionadas na entrevista para o templo, mas espera-se muito mais dos discípulos de Cristo do que apenas se abstenham do pecado. Deve haver harmonia entre os discípulos de Cristo — especialmente entre os membros da família.

A dignidade inclui perdoar ao próximo, não guardar ressentimentos, e não termos discórdia ou ódio no coração. Viver o evangelho de Cristo é ter caridade para com todos os homens. Se entre os membros houver ressentimentos, eles primeiro devem reconciliar-se antes de tomar o sacramento.

5. Jesus prometeu que não partilharia desses emblemas novamente até o dia em que iria bebê-lo de novo, conosco no reino de seu Pai. (Ver Mateus 26:29.) Somos afortunados por termos uma revelação moderna na qual o Senhor revela que beberá do fruto da vide numa grande e solene assembléia nos últimos dias, antes de retornar em glória. Nessa ocasião, ele se



assentará com Morôni, Eliaías, João Batista, Elias, José do Egito, Jacó, Isaque, Abraão, Miguel (Adão), e Pedro, Tiago e João. Jesus acrescenta ainda que ali estarão presentes “também todos os que do mundo o Pai me deu”, significando os santos justos de todas as dispensações. (Ver D&C 27:5-14 especialmente o versículo 14.)

O SACRAMENTO NOS ÚLTIMOS DIAS

Nesta última dispensação o Senhor restabeleceu aquela ordenança por meio do Profeta Joseph Smith. O Senhor afirmou, ao restaurar a Igreja, em 6 de abril de 1830:

“É conveniente que a igreja se reúna amiude para partilhar do pão e vinho em memória do Senhor

Jesus.” (D&C 20:75.)

Em seguida foram dadas instruções sobre as orações que devem ser proferidas pelos sacerdotes ao administrar o sacramento:

No dia daquela sagrada ocasião, o Profeta escreveu: “Tomamos então do pão, o abençoamos, e o partimos junto com eles; tomamos também do vinho, o abençoamos e o bebemos com eles. Impusemos então as mãos sobre cada membro da Igreja ali presente, para que pudessem receber o dom do Espírito Santo e ser confirmados membros da Igreja.” (*History of the Church*, 1:78.)

Desconhecemos com que freqüência o sacramento era administrado nos primeiros meses da história da Igreja, mas sabemos que o sacramento era administrado durante as conferências. Todavia,

C

omemos em
lembração do corpo de Cristo,
e assim recordamos a Páscoa,
a última Ceia, o Getsêmani,
o Calvário, e a
Ressurreição.

somente dezesseis meses depois que a Igreja foi organizada, o Senhor ordenou que o sacramento fosse passado a cada dia do Senhor:

“Mas, lembra-te de que neste, o dia do Senhor, oferecerás as tuas oblações e teus sacramentos ao Altíssimo, confessando os teus pecados aos teus irmãos e perante o Senhor.” (D&C 59:12.)

Por cento e cinquenta anos desde a restauração da Igreja, o Senhor ou seus servos têm dado muita orientação inspirada concernente ao sacramento, que enfatiza a natureza sagrada e significativa desta ordenança.

O Uso da Água. A modificação mais significativa foi dada por revelação em agosto de 1830. O Senhor revelou a Joseph Smith que “não importa o que se come ou o que se bebe quando se participa do sacramento, se é que se o faz com um olho fito só na minha glória — relembrando ao Pai o meu corpo, que foi sacrificado por vós, e o meu sangue, que foi derramado para a remissão dos vossos pecados.

Portanto, um mandamento vos dou, que não deveis comprar vinho nem bebida forte de vossos inimigos;

Portanto, não deveis tomar nenhum vinho, exceto quando feito de fresco por vós mesmos; sim, neste reino de meu Pai que será edificado na terra.” (D&C 27:2-4.)

Retirado o Sacramento. A Primeira Presidência considerava o sacramento como uma ordenança tão sagrada, que durante o período de reforma (1856-1857) ele foi retirado dos santos por alguns meses “para dar a eles espaço e tempo para arrependimento, restituição, e, quando estivessem preparados, para a renovação de seus convênios”. (*Journal History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, 26 de janeiro de 1857, p. 2.)

As Crianças São Convidadas a Participar. Em 11 de julho de 1877, a Primeira Presidência emitiu um dos mais importantes documentos de nossa história da



Igreja, para pôr o sacerdócio em ordem. Nessa carta histórica, enviada pouco mais de um mês antes da morte do Presidente Brigham Young, a Primeira Presidência declarou que o sacramento devia ser passado às crianças durante a Escola Dominical, para que lhes fosse “ensinado o valor e a importância daquela ordenança”.

A Primeira Presidência comentou que “a observância apropriada do dia do Senhor pela nova geração aumentaria muito, se isso se tornasse costume em todos os nossos povoados”. (James R. Clark, *Messages of the First Presidency of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, 6 vols., Salt Lake City: Bookcraft, 1965-1975.) O sacramento assim passou a fazer parte dos exercícios de abertura da Escola Dominical, e continua a ser dado às crianças na reunião sacramental. Muitos foram abençoados em virtude dessa prática.



Não Há Sermões Durante o Sacramento. No início da história da Igreja era costume os líderes locais proferirem sermões durante o sacramento. Este costume foi abolido algum tempo depois da administração do Presidente Brigham Young.

Não Há Música Durante o Sacramento. No século passado era costume tocar música durante o sacramento. Em 2 de maio de 1946, a Primeira Presidência emitiu uma declaração afirmando que “a condição ideal é haver silêncio absoluto ao ser passado o sacramento, e desaconselhamos solos vocais, duetos, grupos de cantores, ou música instrumental durante a administração da sagrada ordenança do sacramento”. (*Improvement Era*, junho de 1946, p. 384.)

Evitar Formalismo. Desde a administração do Presidente Heber J. Grant, a Primeira Presidência tem enfatizado a precaução, por meio do *Manual Geral de Instruções*, de se evitar qualquer forma estabelecida ou

uniformidade de procedimentos. Estas instruções se aplicam ao vestuário dos jovens do Sacerdócio Aarônico que passam o sacramento. Os rapazes devem estar limpos e bem vestidos, mas não é requerido que todos usem roupas semelhantes. Também se refere a qualquer costume, como o dos jovens do Sacerdócio Aarônico manterem um dos braços nas costas, ao caminhar ou ficarem em pé com os braços cruzados, ou os sacerdotes levantarem o braço em ângulo reto ao abençoarem o sacramento.

Todas estas instruções foram dadas para ajudar os santos a renovarem o seu vigor espiritual assistindo à reunião sacramental e participando dos emblemas sagrados em espírito de meditação, reverência e adoração.

CONFORME ORIENTAÇÃO DO ESPÍRITO

Foram dadas outras instruções inspiradas relativas à reunião em si. Na administração do Presidente Joseph Fielding Smith foi emitida uma carta, em 17 de dezembro de 1970, exortando os santos a realizarem a reunião sacramental com a duração de uma hora e meia. O tempo da reunião sacramental foi depois reduzido, mas observem o seguinte conselho relativo ao padrão espiritual de nossa reunião sacramental:

“O objetivo, naturalmente, não é apenas realizar uma reunião com a duração requerida, mas planejar cada uma delas de modo que proporcionem a edificação espiritual e os sólidos ensinamentos doutrinários de que os membros da Igreja necessitam nestes tempos difíceis. Tendo isto em mente, os oradores devem ser incentivados a compartilhar experiências promotoras de fé, a prestar testemunho, a expor ensinamentos doutrinários e a falar em espírito de amor e fraternidade. Eles devem, ao mesmo tempo, ser advertidos a evitar relatos de viagens, argumentações, críticas, e a debater assuntos

I

ncentivamos os líderes locais da Igreja a providenciarem que a reunião sacramental seja orientada e dirigida pelo Espírito Santo.

controvertidos que não têm ligação direta com os princípios salvadores do evangelho. Ao planejar a reunião sacramental, deveis também utilizar os corais da ala ou ramo e os talentos musicais disponíveis para dar maior variedade e interesse.”

Tenho a impressão de que precisamos enfatizar freqüentemente os princípios fundamentais, para que nunca percamos de vista o propósito e o alicerce de nossa fé. No começo da história da Igreja, o Senhor nos deu este significativo princípio acerca das reuniões da Igreja:

“Mas, não obstante as coisas que estão escritas, sempre foi dado aos élderes da minha igreja desde o princípio, e sempre será, conduzir todas as reuniões *como forem inspirados e guiados pelo Santo Espírito.*” (D&C 46:2; grifo nosso.)

Incentivamos os líderes locais da Igreja a providenciarem que a reunião sacramental da Igreja seja orientada e dirigida pelo Espírito Santo. O espírito na reunião sacramental deve ser uma questão continuamente enfatizada e salientada pelas presidências de estaca e bispados. Devemos lembrar os membros sobre a necessidade de existir uma atmosfera de adoração. Trazer pesquisadores a reuniões irreverentes tem sido constrangedor para nossos membros e missionários.

O planejamento da reunião sacramental é uma das responsabilidades vitais de um bispo. Todo o bispado deve preparar em espírito de oração cada reunião. Eles devem perguntar: “Que mensagens nosso povo precisa ouvir? Precisamos falar sobre problemas ou interesses dos jovens? Quem pode melhor abordar tais assuntos? Quem deve proferir as orações?”

Os membros devem entender o que o Senhor espera deles no tocante à dignidade. A dignidade inclui o perdão e a caridade.

FORTALECIDOS NA FÉ

O objetivo principal de um bispado no que concerne à reunião sacramental é ver que os santos sejam edificadas e fortalecidos na fé, e que por meio de esforço e planejamento dedicado, possam sentir o Espírito Santo na reunião sacramental.

Há alguns anos falei sobre este assunto numa conferência geral. (“O Sacramento”, *A Liahona*, julho de 1983, pp. 21-30.) Lembrei-me de minha juventude e de como a natureza sagrada do sacramento foi instilada em meu íntimo pelo bispado e pelos sacerdotes mais antigos. Fico imaginando se a juventude atual não perdeu parte desse espírito.

Iniciamos, com grande empenho, a “convidar todos para vir a Cristo”. (D&C 20:59.) Como membros que vivem nas mais diversas circunstâncias, devemos sentir o Espírito, amor e perdão ao nos congregarmos nesta reunião. Ela deve ser, para todos nós, uma ocasião de fervorosa meditação e ação de graças.

Morôni conta que tais “reuniões eram dirigidas pela igreja, segundo as manifestações do Espírito, e segundo o poder do Espírito Santo; porque conforme o que o Espírito Santo lhe indicasse, fosse pregar, exortar, orar, suplicar ou cantar, assim o faziam”. (Morôni 6:9.)

É esse o espírito que pode e deve caracterizar nossa adoração e nossa reunião sacramental.

Uma irmã fez-me esta observação após uma dessas reuniões espirituais.

“Não me lembro de tudo o que foi dito — mas sei o que senti quando cantamos o hino de encerramento e inclinamos a cabeça em oração.”

Que Deus nos abençoe para que nos lembremos do Salvador e de seu sacrifício expiatório, e nos unamos no propósito de fazer de nossa reunião sacramental uma ocasião de reverência, lembrança e adoração. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

O que envolve o Jejum? Ouvi dizer que significa mais do que apenas abster-nos de alimento e água.



J. Roger Fluhrman, Presidente da Missão Washington Spokane

O que ouviu é correto. O jejum *significa* mais do que abster-se de alimento e água. Considere o seguinte:

1. Jejuamos para aprender mais a respeito do Senhor e para adorá-lo.
2. Jejuamos para aumentar nossa espiritualidade e fé no Senhor Jesus Cristo.
3. Jejuamos para ganhar um testemunho do evangelho ou fortalecer o que já possuímos.
4. Jejuamos para sentir a voz do Espírito e receber inspiração.
5. Jejuamos para entender melhor o plano de salvação e nossa dependência do Senhor.
6. Jejuamos pelos que estão enfermos e precisam de bênçãos especiais.
7. Jejuamos para ajudar os necessitados por meio das ofertas de jejum.

Jejuamos também por outras razões. Mencionei apenas algumas que são importantes para mim.

A verdadeira lei do jejum é explicada em Isaías 58:3-12. Ali encontramos diversas razões para jejuar, — como por exemplo para que “soltes as ligaduras da

impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados... e que repartas o teu pão com o faminto” (vers. 6-7) — e também as bênçãos recebidas através do jejum: “Então clamarás, e o Senhor te responderá: gritarás, e ele dirá:

Eis-me aqui” (vers. 9). Estes versículos causaram-me a mais profunda impressão. Ajudaram-me a entender como jejuar e as bênçãos que recebemos ao fazê-lo.

O jejum e a oração são companheiros. Eles são mencionados juntos freqüentemente nas escrituras. Alma ensinou o povo sobre como sabia que as coisas que dizia eram verdadeiras. Ele declarou: “Jejuei e orei durante muitos dias para poder conhecer essas coisas por mim mesmo.” (Alma 5:46.) O jejum deve sempre ser acompanhado de oração.

Lembre-se, também, de que não jejuamos de maneira hipócrita, mostrando um “semblante entristecido” para impressionar os outros (ver Mateus 6:16-18 e 3 Néfi 13: 16-18). Tampouco jejuamos se estivermos doentes ou se for clinicamente prejudicial.

Não tenho um conhecimento perfeito do jejum. Não tenho a capacidade de usar bem as palavras para lhe dizer o que ocorre quando jejuamos ou por que acontece. Os sentimentos provenientes do jejum, porém, são sagrados e muito poderosos. Eles inspiram, edificam, constroem e fortalecem. Para mim, *jejuar e sentir*, se acham intimamente relacionados.

Nosso filho, Spencer, procurou aprender a jejuar desde seu batismo há dois anos. Não o incentivamos a jejuar em tão tenra idade, e ele não jejuava por tanto tempo quanto nós, seus pais, fazemos em alguns domingos. Entretanto, numa reunião de jejum e testemunho há algum tempo, ele sussurrou-me: “Acho que vou prestar testemunho.” Concordei com um sorriso. Seu testemunho sincero tocou meu coração. Certamente ele estava sentindo alguma coisa acontecer em seu íntimo em virtude do jejum.

Também nós, podemos desenvolver sentimentos especiais em nosso íntimo, se começarmos o jejum com um intento adequado e alicerçado em oração. □

Que devo fazer se souber
que alguém que administra
o sacramento é indigno?
Isso afeta a validade do
sacramento?



Rex W. Allred,
*ex-Secretário Executivo do
Comitê Geral do Sacerdócio
de Melquisedeque*

O sacramento é uma das mais sagradas ordenanças da Igreja. Temos o privilégio de poder participar do sacramento quase todas as semanas e, por meio dele, renovar os convênios que fizemos com o Senhor no batismo.

Se alguém souber que um portador do Sacerdócio Aarônico, ou possivelmente um élder administrou o sacramento indignamente, deve informar ao bispo em sigilo e deixar o assunto em suas mãos. Somente o bispo tem a responsabilidade de julgar a dignidade e autorizar os portadores do sacerdócio a administrar o sacramento.

Outras medidas, como recusar-se a tomar o sacramento, comentar com os outros sobre a indignidade de um portador do sacerdócio, ou repreender diretamente o acusado, produz resultados

negativos que em nada beneficiam a nenhum dos envolvidos. Assuntos de tal natureza são bastante delicados e devem ser tratados com critério e discrição. É ao bispo que cabe essa incumbência.

O sacramento é uma das mais santas e sagradas ordenanças da Igreja, e deve ser administrado com reverência e dignidade. Nenhum portador do sacerdócio culpado de séria transgressão moral não resolvida deve preparar, abençoar ou passar o sacramento.

Embora deva ser cuidadosamente guardada a dignidade básica para administrar o sacramento ou de participar de outras ordenanças, devemos lembrar-nos também de que a perfeição não é um requisito básico para que os portadores do sacerdócio possam funcionar nas diversas ordenanças e chamados. Embora portadores do sacerdócio sejam imperfeitos em muitos aspectos, o Senhor permite que eles levem avante o seu trabalho. A Igreja é uma escola para os que desejam tornar-se como o Senhor, não um lugar de repouso para os que já conseguiram.

As ordenanças do sacerdócio são válidas se forem realizadas por portadores do sacerdócio autorizados e da maneira prescrita. Embora os líderes locais queiram fazer tudo ao seu alcance para que o sacramento seja administrado apenas pelos que são dignos, a ordenança não é invalidada se alguém nela envolvido é indigno de participar na ocasião. A santidade da ordenança é violada, não a sua validade. Se o que dela participa é digno e sincero, terá direito a todas as bênçãos e benefícios que tal ordenança pode proporcionar.

A dignidade ao administrar e participar do sacramento abençoa nossa vida semanalmente. Que grande privilégio têm os membros de todas as idades de participar desta ordenança como parte do evangelho restaurado de Jesus Cristo. □

UMA LIÇÃO DAS MARGARIDAS

A aparência de cada flor parecia tão inocente, alentadora e alegre.

Ann Laemmlen

Não muito distante das muralhas da antiga cidade de Jerusalém existe um lindo horto, isolado do ruidoso mundo que o cerca. Uma atmosfera sagrada envolve aquele lugar. Ao entrar no jardim nosso olhar se volta a um sepulcro — um sepulcro vazio. Muitas pessoas vão ao horto por causa deste sepulcro. O fato de ele estar vazio é um testemunho da complementação de um grandioso plano.



Quando eu vivia e estudava em Jerusalém, ia frequentemente àquele jardim, e certo dia, após perambular por aqueles caminhos silenciosos, encontrei meu banco predileto e sentei-me. Protegida pela sombra de frondosas árvores e refugiada por trás de alguns arbustos em flor, senti-me solitária. Ouvi o cantar dos pássaros e pensei nos eventos que ocorreram ali muitos anos atrás. Ao abrir as escrituras e meus olhos descansarem nas páginas escritas, todo o mundo ao redor pareceu desaparecer. Era quase desnecessário ler as palavras, pois durante os meses em que estive estudando em Israel elas ficaram gravadas em minha mente: "Tomaram pois o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro. E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado, e no horto um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali... puseram a Jesus..." (João 19:40-42.) Enquanto lia, as cenas encheram minha imaginação. Elas se tornaram vivas e aconteciam diante de mim. Chegando apressadamente ao jardim, antes do pôr-do-sol, José e Nicodemos levaram o corpo inerte de Jesus ao sepulcro onde seria embalsamado. Mulheres chorosas, fiéis aos ensinamentos do Salvador, acompanharam o corpo e observaram à distância quando os homens envolveram o corpo do Senhor em lençóis limpos cheios de especiarias e depois o depositaram no banco de pedra do sepulcro recentemente cavado. O céu escureceu. Os homens terminaram o trabalho e penosamente rolaram a grande pedra da entrada no lugar, selando o sepulcro... Sem querer, meu olhar se desviou da página, mas não das imagens... O tempo passou. O sepulcro estava vazio agora; a pedra posta de lado.

Lentamente as imagens em minha mente começaram a desvanecer. O banco de pedra em que eu estava sentada pareceu mais desconfortável; ouvi o cantar dos pássaros na árvore acima de mim. Quando

a última cena se dissipou por completo, meus olhos se voltaram para um pequeno jardim à minha frente. Era um canteiro de margaridas. Olhei fixamente para elas, fascinada por suas flores. Pétalas imaculadamente brancas circundavam suas corolas alaranjadas e aveludadas. A aparência de cada flor parecia tão inocente, alentadora e alegre. Senti-me cativada pela beleza da mensagem que transmitiam.

Uma escritura veio-me à memória: "E eis que todas as coisas têm sua semelhança e todas as coisas são criadas e feitas para dar testemunho de mim..." (Moisés 6:63.) Percebi que *todas* as coisas são um testemunho vivo da divindade de Jesus Cristo! Cada margarida me testificava que ele vive! Suas corolas alaranjadas se voltavam para cima, com olhos fitos em sua glória. As ternas e maravilhosas criações do Senhor não possuem a capacidade de duvidar de sua luz e verdade, pois todas as coisas foram criadas por ele e prestam testemunho dele. Que amor e apoio Cristo deve ter sentido ao olhar aquele canteiro de margaridas, cada flor erguendo louvor a seu nome! Quando as multidões zombaram e escarneceram dele; quando todo mundo parecia voltar-se contra ele, rejeitando-o, e até mesmo odiando-o, que consolo ele deve ter encontrado nas coisas simples que criara e no inabalável testemunho que dele prestavam. Enquanto morei na terra de Israel, pensei muitas vezes nos grandes eventos registrados nas escrituras. Grandes acontecimentos têm sucedido em lugares cercados pelas belas criações — no topo das montanhas, em bosques sagrados — e em hortos como aquele.

O exemplo das margaridas ensinou-me uma simples, mas importante lição. Sempre considero minha missão como uma das criações de Deus. Cristo sentiria amor e apoio se olhasse em meus olhos? Estão eles fitos em sua glória? O meu semblante reflete o seu amor? Meus atos testificam segura e firmemente que ele vive? □

O MESSIAS INCONVENIENTE

Jeffrey R. Holland

Presidente da Universidade Brigham Young

“A vida foi muito inconveniente para o Salvador, e, creio eu, o mesmo acontecerá conosco quando tomamos sobre nós o seu nome.”



Há certas responsabilidades que precisamos enfrentar para seguir a Jesus Cristo. Na vida do Salvador e em nossa, Satanás luta contra a disciplina, tentando-nos com um meio mais fácil, com a oferta de um “cristianismo conveniente”. Foi a uma dessas tentações que

Jesus Cristo resistiu, e também nós devemos fazê-lo. A vida foi muito inconveniente para o Salvador, e, creio eu, o mesmo acontecerá conosco quando tomamos sobre nós o seu nome.

Provavelmente a espécie de mal mais facilmente reconhecível é aquela dos que simplesmente se revoltam abertamente contra os céus, como Satanás se rebelou antes da criação do mundo — uma oposição intencional contra Deus. Desde a época de Caim até as atuais, hostilidades locais e internacionais, Satanás tem procurado seduzir os filhos da promessa para a rejeição violenta e destrutiva ao evangelho e seus ensinamentos. Estes são pecados graves que o mundo muito bem conhece.

Satanás, porém, usa uma outra estratégia mais sutil, não tão violenta, menos vingativa, e à primeira vista pouco repreensível. Mas aí é que está o problema, pois esta segunda abordagem é mais sinistra. Ela surge na forma da doce sedução da *conveniência*. Ela ensina o pretendo cristão a desfrutar da tentação do conforto e comodidade.

Lembre-se de que foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo.

“E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome;

E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o

Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.

Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.

Então o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pínaculo do templo.

E disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito: e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra.

Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.

Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles.

E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.

Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás.

Então o diabo o deixou.” (Mateus 4:1-11.)

Acredito que pensamentos tentadores surjam em nossa mente dia após dia, hora após hora — mesmo para os santos dos últimos dias. E porque para nós, como aconteceu a Cristo, tais tentações são bem mais sutis que as mais evidentes, quero fazer alguns comentários sobre elas.

“Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.”

Seja o que for que Satanás possa fazer, ele certamente recorrerá a nossos apetites. É bem melhor para ele tentar usar as nossas necessidades naturais do que esforçar-se para criar necessidades artificiais em nós. Jesus sofreu uma fome verdadeira e compreensível por alimentos que lhe mantivessem a vida mortal. Ele

“Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.”



“Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito.”

Edward Munch



“Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás. Então o diabo o deixou.”

(Mateus 4:1-11)

“Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.”



Sydney E. King



havia jejuado por quarenta dias e quarenta noites. Por que não comer? Ele parece estar prestes a terminar seu jejum, ou certamente teria que terminá-lo em breve. Por que simplesmente não transformar as pedras em pães e comer?

A tentação *não* está em comer. Ele já havia comido antes, logo o fará de novo, ele deverá se alimentar pelo resto de sua vida mortal. A tentação de Satanás estava na sugestão de fazê-lo *desta maneira* — de obter alívio da maneira mais fácil, pelo abuso do poder e sem a disposição de esperar pelo momento certo e a maneira certa. É a tentação para ser o Messias conveniente. Por que fazer as coisas da maneira mais difícil? Por que negar a si próprio a satisfação, quando apenas com um pequeno comprometimento você poderia desfrutar deste alimento tão necessário? Cristo, porém, jamais pedirá egoisticamente o pão que não ganhará. Ele adiará a satisfação indefinidamente se necessário, ao invés de satisfazer o apetite com o que não lhe pertence.

A expressão sexual é também uma elevada e santa satisfação física que fomos destinados e criados a desfrutar. É um prazer tão natural quanto atraente. Ele nos foi dado por Deus para nos tornarmos como Deus. Mas não foi concedido sem um preço. Nem instantaneamente. Nem convenientemente. Nem como uma confortável corrupção dos poderes eternos. Ele deve ser adquirido, com o passar do tempo, e com disciplina. Ele é, como qualquer outra boa dádiva, um direito que cabe a Deus conceder, não ao diabo. Ao defrontar-se com esse apetite inato, um discípulo de Cristo *deve* estar disposto a dizer, “Sim, *mas não dessa maneira*”. Com o passar do tempo, com amor, e dentro dos laços do matrimônio. O correto e adequado e santificado relacionamento físico entre o homem e a mulher faz parte — de fato é mais que uma parte — do plano que Deus estabeleceu para nós do que é comer nosso pão de cada dia. Não existe, porém, um Messias conveniente. A salvação é conseguida somente através de disciplina e sacrifício. Tanto aos jovens como aos adultos, eu exorto a que não cedam às tentações da carne.

“Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo” do

pináculo deste templo.

Satanás sabia que o templo era o centro da vida religiosa do povo de Israel. Era ao templo para o qual o Messias prometido viria. Muitas pessoas, naquele exato momento estavam indo ou voltando de sua adoração no templo, muitos que, devido as suas tradições e descrença, jamais aceitariam a Cristo como o seu Redentor. A tentação de Jesus poderia ser parafraseada da seguinte maneira: “Por que você não se lança daqui de maneira dramática e então, quando os anjos vierem socorrê-lo como as escrituras indicam, multidões de pessoas irão segui-lo e acreditar em você. Eles precisam de você. Você precisa deles — para salvar suas almas. Este é o povo do convênio. Que maneira melhor de fazer que elas vejam isso do que lançar-se deste templo santo e sair ileso e sem temor. O Messias de fato chegou.”

Esta tentação é bem mais sutil que a primeira. É uma tentação do espírito, de uma fome pessoal bem mais real que a necessidade do pão. Deus o salvaria? Será que sim? Jesus deverá ter a companhia divina neste impressionante ministério que ele agora começa? Talvez antes de aventurar-se ele devesse obter uma certeza final. Por que não obter confirmação espiritual, conseguir uma congregação leal, e responder a Satanás com um apelo ao poder de Deus? Agora mesmo. Da maneira mais fácil atirando-se do pináculo do templo?

Mas Jesus recusa-se a ceder à tentação do espírito. A negativa e a restrição também fazem parte da preparação divina. Ele ganharia seguidores e receberia a certeza. Mas *não desta maneira*. Ele ainda não havia feito conversos, nem obtido o consolo que tão sobejamente merecia. Seu ministério mal começara. As recompensas viriam eventualmente. Entretanto, mesmo o Filho de Deus tinha que esperar.

Por isso peço que sejam pacientes nas coisas do Espírito. Talvez sua vida seja diferente da minha, mas duvido. Tive que me esforçar para conhecer a minha posição perante Deus. Quando jovem achava difícil orar e mais ainda jejuar. Minha missão não foi fácil. Esforcei-me muito como um aluno, mas, somente para descobrir que depois teria que esforçar-me também. Como um adulto, chorei e ansiei por orientação. Creio

Suporta teus fardos espirituais, pois Deus conversará contigo por meio deles e os fará realizar sua obra, se os suportar bem.

que jamais consegui qualquer realização valiosa facilmente, mas já vivi o bastante para ser grato por isso.

Recebemos o mandamento de que devemos conhecer nosso valor como filhos de Deus, *sem* fazer alguma coisa dramática como nos lançarmos do pináculo do templo. Todos, exceto alguns poucos proféticos devem realizar a obra de Deus de forma discreta e nada fora do comum. Ao esforçar-se para conhecê-lo, e ao saber que ele o conhece; à medida que aplica seu tempo — e inconveniência — discretamente prestando serviço despretensiosamente, de fato verás que “aos seus anjos dará ordens a teu respeito: e tomar-te-ão nas mãos”. (Mateus 4:6.) Isso não pode acontecer rapidamente. Provavelmente não acontecerá rapidamente, mas existe um propósito na demora. Suporta teus fardos espirituais, pois Deus conversará contigo por meio deles e os usará para realizar a sua obra, se os suportar bem.

Se algumas vezes por mais que tente as coisas se tornarem mais difíceis tenha ânimo. Pois assim aconteceu às melhores pessoas que já viveram.

E agora, com certa frustração, Satanás vai diretamente ao assunto. Se não pode tentá-lo fisicamente, se não pode tentá-lo espiritualmente, ele simplesmente fará uma proposta direta ao Salvador — e a nós. Do cume de uma montanha, de onde podem ver os reinos do mundo e a glória deles, Satanás diz: “*Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.*” (Mateus 4:9.)

Satanás aqui demonstra falta de sutileza com a magnitude da sua oferta. Não importa que aqueles reinos não sejam dele para dar. Ele simplesmente pergunta ao grande Jeová, o Deus dos céus e da terra, “Qual é seu preço? Ao pão gratuito você resistiu. Ao drama messiânico também, mas não pode resistir às riquezas do mundo. *Diga qual é seu preço.*” Satanás está agindo de conformidade com seu primeiro artigo da incredulidade — a inequívoca crença de que neste mundo se pode comprar qualquer coisa com dinheiro.

Jesus um dia governará o mundo. Ele governará seus principados e poderes. Ele será o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores. *Mas não desta maneira.* De fato,

para chegar a tanto, ele terá que seguir um caminho muito inconveniente. Sua chegada ao trono da graça será feita por meio de trabalho árduo, pesar e sacrifício. Cerca de sete séculos antes, Isaías assim havia profetizado a respeito dele:

“Era desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos: e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum.

Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades...

Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca: como um cordeiro foi levado ao matadouro, e, ... não abriu a sua boca.” (Isaías 53:3, 5, 7.)

Será tão difícil assim ganharmos um lugar no reino de Deus? Sem dúvida existe caminho mais fácil. Não podemos comprar nossa entrada? Todo homem ou mulher tem um preço, não é mesmo? Às vezes imaginamos em que consiste. Mas nem todos têm um preço. Há coisas que *não se pode* comprar. O dinheiro e a fama e a glória terrena não são nossos padrões eternos. De fato, o dinheiro e a fama e a glória terrena podem, se não formos cuidadosos, nos levar ao tormento eterno.

Embora esta Igreja, eu e você individualmente precisemos de recursos para nos alimentar, vestir e levar avante a obra do reino, não necessitamos vender nossas almas para obtê-los. No mundo atual, há muitas pessoas que tentam envolver outros em negociações insensatas ou oportunidades do tipo “uma só vez na vida”. Tais oportunidades geralmente oferecem alguma coisa em troca de nada — meios convenientes de enriquecer rapidamente, sem muito esforço. Infelizmente, muitas pessoas confiantes têm sido iludidas por patrocinadores ardilosos e enganadores. Podemos conseguir nossa parte da abundância da terra, mas *não desta maneira.*

Uma renda necessária, adequada, a instrução escolar, ou qualquer outro empreendimento honesto é importante. Trabalhar duro, tentar com afinco, e merecer que boas coisas aconteçam faz valer a pena o esforço e faz valer a pena a espera. E elas acontecerão, freqüentemente mais cedo do que imagina. Mas não

será fácil, e tampouco será conveniente.

Não é fácil passar sem gratificações dos apetites físicos, sem certezas espirituais, ou bens materiais, mas às vezes precisamos passar sem elas, pois em nosso convênio com Cristo não existe cláusula alguma garantindo conveniência. Devemos

trabalhar arduamente e praticar o bem, e um dia nossa oportunidade chegará. E quando tivermos tentado e esperado por algo que nunca será nosso, *então* os anjos virão e nos ministrarão. (Veja Mateus 4:11.) Oro para que ocorra essa ministração em nossa vida, em nome de Jesus Cristo. Amém. □





O CAPELÃO MUDOU DE IDÉIA

Ralph Mortensen Era época de guerra. Despedimo-nos de nossos entes queridos e subimos a rampa de embarque do *Sea Ray*, um navio mercante atracado no porto de São Francisco, Califórnia. Levaríamos quarenta e cinco dias para chegar ao nosso destino. Dos 2.500 homens atulhados no navio, pelo menos três de nós eram santos dos últimos dias. Mais do que tudo, queríamos nos reunir em nossa própria reunião sacramental. Perguntamos ao capelão do navio se podíamos usar a capela para nossas reuniões. Ficamos surpresos ao ouvi-lo dizer que não tinha tempo para dirigir uma reunião apenas para alguns

Dos 2.500 homens atulhados no navio, pelo menos três de nós eram santos dos últimos dias. Mais do que tudo, queríamos nos reunir em nossa própria reunião sacramental.

homens. Teríamos que assistir a uma das realizadas para outras religiões.

Explicamos que dirigiríamos nossas próprias reuniões, e que apenas precisávamos da capela numa ocasião em que não estivesse sendo usada. Ele insistiu que não contávamos com um número suficiente de membros para valer a pena usar a capela. Respondemos que ela valia a pena para nós três.

Insistimos mais um pouco, mas ele se manteve irredutível. Finalmente saiu, enfatizando que teríamos que assistir a um dos serviços religiosos já programados.

Em vista disso, começamos a procurar um lugar isolado naquele navio superlotado. Todo espaço disponível do convés estava ocupado por soldados que preferiam gozar da fresca brisa marinha a ficar nos abafados alojamentos do porão. Após vasculhar o navio de ponta a ponta, decidimos que a única maneira de nos reunirmos seria sentar de pernas cruzadas na minúscula área perto das chaminés do navio e estudar juntos as escrituras. Não poderíamos desfrutar da privacidade e liberdade que nos permitiria participar do sacramento e cantar e orar, mas pelo menos poderíamos estar juntos.

Enquanto estávamos debatendo nossos planos, uma voz vinda dos alto-falantes do navio anunciou: "Será realizado um serviço religioso às seis horas, na sala 45, para todos os santos dos últimos dias." Ficamos abismados e ao mesmo tempo satisfeitos de que nos fosse concedido um lugar para nos reunir, e ficamos imaginando o que teria feito o capelão mudar de idéia.

Eram quase seis horas, por isso nos dirigimos apressadamente para as escadas e descemos para um recinto que antes havia sido depósito de suprimentos. O espaçoso lugar estava repleto de grossas pranchas de embarque e pequenos barris de madeira. Não

havia mobília alguma. Apesar disso ficamos entusiasmados por ter um lugar onde poderíamos participar do sacramento, cantar e orar.

Começamos a fazer bancos com as pranchas e barris. Não demorou muito e alguns jovens, vestidos em roupas de combate, começaram a descer as escadas, perguntando se ali era o lugar onde seria realizada a reunião dos santos dos últimos dias. Eles nos ajudaram, e logo o local pareceu bem organizado e pronto para os serviços. Ao fazer a contagem, vimos que havia trinta pessoas na primeira reunião, no recinto que se tornaria nossa sala especial abaixo do convés.

Utilizando os hinos e orações de nossa edição militar de *Princípios do Evangelho*, fizemos todos os preparativos para uma reunião sacramental especial. Sentimos o Espírito do Senhor descer sobre nós, ao ouvirmos os discursos e instruções improvisados. Nossos corações foram tocados ao nos reunirmos para demonstrar amor ao Pai Celestial e seu Filho Amado. As lembranças de nossas famílias se tornaram vívidas e cálidas.

Permanecemos ali após a reunião, não desejando que aquele tempo juntos terminasse. Era a experiência mais parecida com o lar que teríamos enquanto no mar. Durante toda a semana aguardamos ansiosamente a próxima reunião. Elas se tornaram momentos felizes que nos deram forças para atravessar alguns dias desalentadores.

Nossos serviços continuaram a ser realizados um domingo após outro. Sem que soubéssemos, as reuniões começaram a chamar a atenção e curiosidade do capelão. Quando nos reunimos no domingo de jejum de janeiro de 1945, ficamos abismados ao ver o capelão do navio descer as escadas e entrar na sala. Ele perguntou se podia assistir aos serviços, e dissemos que ficasse à vontade.

Os homens vestidos para combate se ajoelharam em

reverente oração, cantaram hinos, abençoaram o sacramento, partilharam daqueles emblemas com humildade e devoção. Após o sacramento, um por um eles se levantaram e prestaram testemunho cheios de gratidão pelos ensinamentos de seus nobres pais, pelos lares onde o amor, o companheirismo e a felicidade faziam parte do ambiente em que cresceram, pela restauração do Evangelho de Jesus Cristo na terra, e pelos profetas vivos.

Após a reunião, o capelão aproximou-se e perguntou se poderia falar conosco em nossa próxima reunião. Consentimos sem hesitação.

O domingo chegou, e após a administração do sacramento passamos o tempo para o capelão. Ele ficou em pé diante de nós, enquanto ouvíamos sentados nos bancos de pranchas e barris. “Não sei quem são vocês nem o que estão fazendo aqui, mas seja lá quem forem ou seja qual for sua missão, por favor, continuem”, disse ele. “Em todos os anos que estudei para me tornar um pastor, em todos os serviços que dirigi, em todos os conselhos da igreja a que estive presente — jamais fui tão edificado espiritualmente como o fui em sua reunião de domingo passado. Por favor continuem a mostrar aos outros o exemplo que deram aqui.”

Ficamos impressionados com a evidente mudança ocorrida em sua mente e em seu coração no tocante aos santos dos últimos dias.

Continuamos a nos reunir a cada domingo em nosso sagrado recinto, até chegarmos ao porto de destino, onde fomos separados por nossas diferentes designações. Desde aquela época penso no capelão freqüentemente e onde se encontra agora. Sou grato também por aquelas reuniões especiais realizadas na “sala abaixo do convés”. □

Ralph Mortensen, diretor de uma escola, mora na Primeira Ala de Alamosa, Estaca de Alamosa, Colorado.



NO CENÁCULO



SMarvin K. Gardner
ubimos apressadamente os degraus do Cenáculo — o lugar tradicional da Última Ceia de Cristo. Durante nossa curta permanência em Jerusalém, nosso grupo de estudantes e professores americanos observara os sinais de antigas guerras — mas também alguns alentadores indícios de paz e esperança naquela santa, porém freqüentemente ensangüentada cidade. Agora chegávamos ao Cenáculo, para rememorar os momentos tranquilos que o Salvador viveu durante a última páscoa de sua vida.

Congregados no espaçoso aposento, de alto teto e arcos graciosos, nós nos demos conta de que aquele não era o cenário verdadeiro do sagrado evento: o prédio em que nos encontrávamos fora construído naquele lugar tradicional pelos monges franciscanos, no século XIV.

Mas isso não importava. Jesus Cristo *realmente* celebrara sua última páscoa em algum cenáculo daquela cidade, *lavara* os pés de seus apóstolos, *ministrara-lhes* o sacramento, e *exortara-os* a amarem uns aos outros (ver João 13:34). Estávamos adorando o Filho de Deus e o evento, em sua vida, fora bastante real; o cenário não era o importante.

Sempre que parávamos em um local bíblico, tínhamos esperança de que houvesse tempo e privacidade suficientes para lermos juntos as escrituras e cantarmos hinos. Em alguns casos ninguém nos perturbava; mas, às vezes, outro grupo de turistas se aproximava e nós cortesmente, seguíamos adiante — ou nos afastávamos para um ponto em que não os atrapalhássemos. Visto que o tempo era precioso, nesta nossa visita à Terra Santa, começamos a desejar que houvesse o mínimo de interrupções.

Após nos reunirmos no Cenáculo, um membro do nosso grupo leu palavras de Cristo, do Novo Testamento, e em seguida começamos a cantar o hino “Amai-

-vos Uns aos Outros". Enquanto cantávamos, outro grupo de visitantes entrou no recinto. Eram guiados por um sacerdote barbado que usava um longo hábito marrom e falava um idioma que eu não entendia.

Tenho de admitir que enquanto cantávamos pensei mais no outro grupo que na letra da música; pois, por eles terem chegado, não poderíamos mais permanecer ali. E fiquei imaginando se eles considerariam nossa canção e nossa presença como uma

intrusão, nos breves momentos que passariam no cenáculo.

Encerramos a visita e, sem proferir uma palavra, começamos a sair. Quando passei pelo sacerdote, ele inesperadamente se voltou para nós, e, com sotaque, proferiu três breves palavras: "Deus vos abençoe."

"Deus vos abençoe." As palavras pareceram ser mais que uma saudação formal. Foram como uma oração — uma bênção bondosamente proferida por um estrangeiro, numa terra que

conheceu mais intolerância do que paz. Talvez ele tivesse sido tocado por nossa maneira simples de cantar as palavras do Salvador. Talvez estivesse simplesmente manifestando boa vontade a um grupo de adoradores como o dele. Seja como for, suas palavras continham o mesmo espírito que as proferidas pelo Salvador naquela ceia pascal — palavras que acabávamos de cantar e que eu estivera preocupado demais para ouvir.

Ao descer a escadaria e entrar no burburinho da cidade, murmurei de novo a canção para mim mesmo e senti-me grato a um estrangeiro, um amigo, que gentilmente me lembrara da mensagem nela contida. □



"A última Ceia", de Karl Heinrich Bloch. Original na capela do Castelo Frederiksborg, Dinamarca. Usado com a permissão do Museu de Frederiksborg.

O Presidente Brigham Young certa vez fez uma declaração que muito

me impressionou. Em um momento de tranquilidade, quando se encontrava com seu secretário e mais duas outras pessoas, alguém perguntou: "Presidente Young, por que o Senhor nem sempre está a nosso lado, promovendo a felicidade universal, suprimindo as necessidades das pessoas, e cuidando especialmente de seus santos? Por que há ocasiões em que tudo é tão difícil?"

O Presidente Young respondeu: "Porque o homem está destinado a se tornar um Deus, e deve estar apto a demonstrar que apóia os planos de Deus e a desenvolver seus próprios recursos, para que possa agir independentemente, mas com humildade." E depois acrescentou: "Assim acontece porque precisamos aprender a ser justos em meio à escuridão." (Brigham Youngs Office Journal 28 de janeiro de 1857.)

Para mim, aprender a ser "justo em meio à escuridão" faz parte do desafio que tenho na vida. Tenho encontrado momentos de fatura espiritual, alternados com sentimentos de visível abandono. Certa vez, ao refletir sobre esta idéia, fiz esta anotação

OS VALES ESPIRITUAIS

em meu diário pessoal: "Por causa das experiências que vivi antes de filiar-me à Igreja, esperava que após o batismo ocorresse uma grande elevação espiritual. Os últimos dez

anos têm-me ensinado o contrário. Em vez disso, tenho visto que as experiências de picos de montanha são separadas por vales, e até mesmo desertos. Tenho lutado com ambigüidades e contradições. Fico perturbada com as discrepâncias entre os princípios e as práticas do evangelho. Geralmente tenho mais perguntas que respostas e, como Néfi, sinto-me superada frequentemente pelas tentações e pecados do mundo que facilmente me envolvem.

"Todavia, após atravessar os desertos espirituais onde lutei com problemas, adquire nova perspectiva e entendimento e percebo o quão limitada é a minha visão das coisas. Então não mais equiparo a facilidade e o conforto com a felicidade e o contentamento, mas estou a caminho de melhor entender a paz e alegria de que fala o evangelho. Não é de admirar que nosso Pai Celestial, cujo conhecimento é perfeito, nos proporcione alguns vales em meio aos picos espirituais." □ Carolyn J. Rasmus



Muitas vezes cheguei ao final “costumeiro” das orações, pedindo ao Pai Celestial que abençoasse meus entes queridos. Ao dizer “amém”, eu refletia um pouco, depois ia cuidar dos afazeres cotidianos. Jamais havia imaginado como as minhas orações poderiam influenciar a vida dos outros, até me tornar “beneficiária” de muitas orações. Eu estava grávida do terceiro filho, e tentava seguir as prescrições do médico de me cuidar. Meu marido tinha viajado deixando os cuidados de nossos outros dois filhos menores totalmente ao meu encargo, quando de súbito me senti mal com uma grave infecção, que punha em risco a vida de meu filho que ia nascer. Atemorizada, telefonei para um membro que morava no mesmo bairro, e lhe pedi que me desse uma bênção. Ele e o presidente do quorum de élderes logo chegaram, e quando me administraram, senti a doce presença do Espírito. Entretanto, ao consultar o

médico naquela tarde, voltei a ficar preocupada. Pensei na possibilidade de perder o bebê, e passei a maior parte do restante do dia chorando.

Naquela noite, porém, meus temores foram substituídos pelo mesmo sentimento de conforto que sentira durante a bênção, e pude ver a preocupação dos membros da família e amigos, que se importavam comigo e queriam que meu bebê nascesse saudável. Sabia que oravam por mim e que suas orações estavam sendo respondidas. Senti-me envolvida pelo amor deles e isso me deu coragem. Aquele suave sentimento permaneceu comigo até que me restabeleci.

Muitas vezes, durante o restante da gravidez, as pessoas disseram que tinham orado por mim quando estivera enferma. Eu sempre respondia: “Sim, eu sei.” Depois, quando minha filha saudável nasceu, refleti sobre os milagres que recebemos por meio da oração. □ *Diana Hudson, Anchorage, Alaska.*

SENTI SUAS ORAÇÕES

Diana Hudson



“IDE POR TODO O MUNDO”

Objetivo: Incentivar as irmãs a participarem na obra missionária em seu próprio país.

Antes de subir aos céus, o Senhor instruiu seus discípulos a pregarem o evangelho a todas as nações. (Ver Mateus 28:19-20; Marcos 16:15; Lucas 24:47-48.) Em nossa época o Presidente Ezra Taft Benson nos deu as mesmas instruções. “O mundo necessita do evangelho” disse ele, “e por mandamento do Senhor... temos o encargo de divulgá-lo”. (Conferência Geral de 1986, *A Liahona*, julho de 1986, p. 79.)

Muitas irmãs cumprirão uma missão em alguma época da vida. Inúmeras outras ensinarão e prepararão seus filhos para cumprir missão. Mas quer cumpramos ou não uma missão, todas podemos ser missionárias dando um bom exemplo e compartilhando o evangelho com nossas famílias, amigos, colegas, e vizinhos.

Para aprendermos a partilhar o evangelho eficazmente, devemos primeiro nos preparar, estudando-o. À medida que Hyrum Smith, irmão do Profeta Joseph, se preparava para cumprir uma missão, o Senhor o aconselhou: “Não procures anunciar a minha palavra, mas primeiro procura obtê-la, e então a tua língua se desatará; então, se o desejares, terás o meu Espírito e a minha palavra, sim, o poder de Deus para convencer os homens.” (D&C 11:21.)

Uma irmã solteira aprendeu a importância da preparação, quando uma colega de trabalho não-membro a convidou para almoçar e a deixou surpresa ao fazer-lhe perguntas sobre Joseph Smith e o Livro de Mórmon. Embora tenha conseguido falar-lhe sobre a Primeira Visão e prestar-lhe testemunho, não obstante ela desejou estar melhor preparada.

Os missionários de tempo integral estudam e

aprendem, para que possam entender melhor o evangelho. Podemos fazer o mesmo. Também podemos orar pedindo orientação sobre com quem partilhar o evangelho. Uma família convidou os missionários de estaca a ensinar-lhe a usar o Livro de Mórmon mais efetivamente como instrumento missionário, e conversou sobre como confraternizar com os amigos. Quanto mais a família aprendeu a respeito da obra missionária, mais desejosa ficou de partilhar o evangelho.

Como membros da Igreja, devemos “servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar”. (Mosiah 18:9.) Para conseguir isso, precisamos fazer de nosso ambiente e de nosso lar lugares de oração, paz e aprendizagem, onde todos os que ali cheguem possam sentir o Espírito do Senhor. Se o Espírito do Senhor estiver presente em nosso lar, nosso testemunho e o de nossos familiares crescerão, e estaremos mais preparadas a dizer o que sentimos sobre o evangelho e a diferença que ele fez em nossa vida. □

Sugestões para as Professoras Visitantes

1. Leia D&C 18:10-16; e 123:11-17 e debata como podemos fazer de nosso lar um lugar de beleza, paz e aprendizagem, onde podemos partilhar o evangelho com os outros.

2. Debata algumas maneiras de sermos melhores missionárias, e sobre como fazer amizade com não-membros ou com os membros menos ativos.

(Veja Livro de Recursos para a Noite Familiar, páginas 48-51, 74-83, 89-94, 98-115, 130-131, 135, 167, 187-189, 208-210, 236-237, 240-244 para informações relacionadas.)



COMPANHEIROS EM TUDO, MENOS NA IGREJA

Renon Klossner Hulet

Q

uando Marie se casou com Tony, um não-membro, ela estava certa de que ele não resistiria por muito tempo à beleza e graça da Igreja, que continha a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo. Ela amava o evangelho, e o amava também — e com certeza os dois chegariam a um acordo. Com o passar dos anos, porém, e mesmo depois que tinham seis filhos, Tony estava cada vez mais longe de ser um membro da Igreja.

Durante todo esse tempo Marie sofreu o mesmo dilema que aflige muitos santos ativos casados com membros menos ativos. Ela tinha dois amores que não podia reunir em um só.

O evangelho se tornava cada dia mais precioso, à medida que Marie se tornava esposa e mãe.

Mais do que tudo, ela desejava partilhar a mensagem do evangelho com o marido. Havia ocasiões em que tinha o desejo de abalar toda a terra com seu testemunho, para que ele, seu melhor amigo e confidente, de repente entendesse. Sua existência, bem como a dos filhos e do esposo, tinha sido enriquecida pelos ensinamentos e padrões da Igreja. Será que ele não percebia isso?

Embora ela quisesse que Tony entendesse a preocupação que tinha pela Igreja, reconhecia que usá-la como uma cunha destruiria o seu casamento, ao invés de consolidá-lo. Isso acontecera antes, quando casais tentaram fazer com que a Igreja forçosamente fizesse parte de seu relacionamento conjugal, resultando apenas em ódio e rebeldia.

Marie estava determinada a não forçar uma escolha entre o marido e a Igreja, tornando a Igreja inimiga dele. Acima de tudo o evangelho era um aliado, ensinado-a a amar, a compreender e perdoar.

Ela achava que, fora o relacionamento pessoal com Deus, um bom relacionamento conjugal era o mais sagrado interesse de um marido e esposa, e decidiu que converter Tony à Igreja não devia ser sua meta principal, tampouco sacrificar o casamento para consegui-lo. “Após dez anos de desapontamento”, diz

ela, “decidi parar de pressionar Tony a filiar-se à Igreja.” Antes de nos casarmos, nossos pais ficaram aborrecidos com nosso noivado. Eles fizeram tudo para desencorajar-nos, mas, a partir do momento em que nos casamos, cessou toda a oposição e eles nos deram 100 por cento de seu amor e compreensão. Eu devia ter seguido o bom exemplo que me deram anos antes. Então um dia disse a Tony, “Você é mais importante para mim do que tudo na vida, quer se filie à Igreja ou não”. Desde aquele dia fomos mais felizes e tive mais paz de espírito.

Tony me trata bem; tem valores elevados e é honesto. Entretanto eu sentia pena de mim mesma, por ele não ser membro da Igreja. Decidi não reclamar mais e passar a ser grata. Não é a Igreja que faz o casamento dar certo, — mas sim o amor, a aceitação e a confiança. A Igreja é um guia, não uma garantia.”

Os líderes da Igreja têm consistentemente aconselhado os jovens a se casarem na Igreja. Como ressaltou o Presidente Spencer W. Kimball: “As diferenças religiosas envolvem extensas áreas de conflito. A lealdade à Igreja e a lealdade à família se entrecrocaram. A vida dos filhos em geral torna-se frustrada... Sem uma fé comum os problemas e as dificuldades acompanharão o casamento.” (O Milagre

P

orque
o marido descrente é
santificado pela mulher: e a
mulher descrente é santificada
pelo marido...

“Porque, donde sabes,
ó mulher, se salvarás
teu marido? ou, donde
sabes, ó marido, se
salvarás tua mulher?”

(I Coríntios 7:14, 16.)

do *Perdão*, p. 231.) Por estas e outras razões semelhantes, casar-se na Igreja deve ser a meta primordial de todo membro solteiro, mas às vezes eles se unem a um não-membro ou a alguém menos ativo. Em tais circunstâncias, as escolhas de uma pessoa, no

que concerne à Igreja, são mais limitadas, mas existem ainda algumas decisões que ela pode tomar. Dentre elas se destaca a de ser paciente, fervorosa e dedicada.

O Presidente Kimball escreveu o seguinte a respeito da meta adequada ao casamento:

“O Senhor diz em termos que não deixam dúvidas: “Amarás a tua esposa de todo o teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra.” (D&C 42:22.)...

As palavras *nenhuma outra* eliminam todos e tudo...

O casamento pressupõe fidelidade total e dedicação completa. Cada cônjuge toma o outro com a compreensão de que lhe dará todo o coração, força, lealdade, honra e afeição, com toda a dignidade... Assim como devemos ter “os olhos fitos na glória de Deus”, também devemos ter os olhos, ouvidos e coração fitos no casamento, no cônjuge, na família.” (*Faith Precedes the Miracle*, pp. 142-143.)

Joanna, uma jovem SUD, casou-se com um homem que todos afirmavam ser indigno dela. Ele era um alcoólatra e perdulário. Desde o início, eles tiveram dificuldades no casamento, mas ela parecia ter encontrado a magia de ser feliz.

A medida que os anos passaram, ao invés de se tornar amargurada e defensiva, Joanna se tornou mais paciente. Seus filhos foram criados com ternura, e ela os ensinou a serem afetuosos e gentis uns para com os outros, com ela e o pai. Cinco dos oito filhos cumpriram missão e todos se casaram no templo. Milagrosamente, um ano antes da inesperada morte do marido, ele aceitou o evangelho e foi batizado.

O que operou tão maravilhosa transformação?

A irmã de Joanna revelou: “Joanna jamais permitiu que seus filhos ou qualquer outra pessoa falasse

negativamente a respeito do pai. Às vezes ele chegava em casa às duas ou três da manhã, então minha irmã acordava os filhos e dizia, “O papai chegou! Venham beijá-lo e fazer-lhe um carinho!”

Quando os filhos cresceram e passaram a criticar as

atitudes do pai, ela lhes dizia: “Querido, não julgue seu pai. Ele ainda não conhece o evangelho. Tudo o que podemos fazer é amá-lo e perdôá-lo. Ele é uma boa pessoa, e é o chefe da família.”

Ela era feliz?

“Para sua família, para nós, e a todos em geral” diz a irmã dela, “Joanna irradiava felicidade, mas tenho certeza de que sofria. Sei também o quanto ela queria que o marido se filiasse à Igreja.”

Joanna disse o seguinte acerca de permanecer com um homem que todas abandonariam:

“Jamais pensei em renunciar ao amor e lealdade que dedicava a meu marido. Ele era um homem bom, embora agisse insensatamente. Ele gostava das pessoas, e auxiliava os necessitados. Às vezes uma pessoa, mesmo famílias inteiras vinham morar conosco, porque meu marido sabia que estavam desempregados e precisavam de um lugar onde ficar.

Em nossa família reinava um amor profundo e genuíno. Eu sabia que ele me amava e amava as crianças, e se orgulhava de nós. Foi o bom exemplo delas que o trouxe para a Igreja. O dia em que ele foi batizado foi o mais feliz da minha vida.” O batismo só aconteceu vinte e oito anos depois do casamento.

Como Joanna, minha mãe também era casada com um não-membro. Nosso bispo aconselhou-a a amar o marido com toda a devoção, e eu e meus irmãos crescemos vendo-a aplicar aquele conselho. Ele aconselhou-a também a não se sentir aborrecida ou culpada por não poder assistir a algumas atividades da Igreja, por meu pai reclamar que ela ficava muito tempo fora de casa.

Meus pais eram completamente dedicados à família.

Em nosso lar havia paz e compreensão. Meu pai, embora jamais se tenha filiado à Igreja, a respeitava e gostava dela. Ele orgulhosamente financiou a missão que cumpri na Venezuela e Colômbia.

Dias difíceis e penosos, porém nos aguardavam. Lembro-me do dia em que meus pais ficaram tristes fora do templo enquanto eu me casava. Apesar de tudo eles respeitaram minha decisão e alegremente ficaram a meu lado e de meu marido mais tarde durante a festa de casamento que nos ofereceram. Eu costumava ficar triste por meu pai não ser membro da Igreja, e durante toda a minha vida orei para que ele um dia se filiasse a ela. Um aspecto positivo, entretanto, sou grata por minha mãe jamais o ter menosprezado, dando-me um maravilhoso exemplo de tolerância e amor.

Para os não-membros ou membros menos ativos, o saldo do lugar onde se encontram à plena atividade na Igreja freqüentemente parece impossível. Mas alguns deles estão dispostos a seguir o caminho passo a passo.

John, um entusiástico membro que se filiou à Igreja nos últimos anos, quase se divorciou da esposa por causa desse sentimento. Quanto mais ele tentava convencê-la, mais teimosamente ela resistia. Finalmente o bispo aconselhou-o a retroceder um pouco e deixar que as suaves belezas dos programas da Igreja a convencessem de seus próprios méritos.

Nos anos seguintes, John continuou fervorosamente a ir às reuniões sozinho, e sua esposa, com o tempo abrandou o coração para com a Igreja. Ela ficou impressionada principalmente com o programa de Economia Doméstica da Sociedade de Socorro, e ensinou muitos mini-cursos de culinária e horticultura. Apesar de tudo, ela jamais se filiou à Igreja.

Falando a respeito da esposa, John elogia seu casamento. Dá esta advertência aos que se encontram em idêntica situação:

“Jamais, de forma alguma usem os ensinamentos do Evangelho para depreciar aquele a quem amam. Creio que o amor que sinto por minha esposa durará para sempre. A eternidade é tempo suficiente para que o amor, o exemplo e a paciência consigam vencer.

Enquanto isso, façam com que o amor e a aceitação exerçam sua própria magia especial.”

O evangelho deve ser uma bênção em qualquer casamento. O Apóstolo Paulo aponta Jesus Cristo como um exemplo:

“Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela...

E a mulher reverencie o marido.” (Efésios 5:25, 33.)

Paulo também aconselhou os membros da Igreja que se casam com descrentes a serem pacientes em sua lealdade:

“Porque o marido descrente é santificado pela mulher: e a mulher descrente é santificada pelo marido....

Porque, donde sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? ou donde sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?” (I Coríntios 7:14, 16.)

“Procure orientação dentro de si própria”, aconselha uma esposa santo dos últimos dias que teve épocas de amargura ao casar-se com um membro menos ativo.

“Se alguém se compromete com Deus e o Senhor, e se esse relacionamento é seguro, a paz de espírito prevalecerá. Demasiados membros ativos da Igreja sentem-se terrivelmente culpados quando seu casamento é menos que o ideal, embora acreditem que tenham feito tudo ao seu alcance para melhorar.”

O Dr. Carlfred Broderick afirma que “o Senhor repetidas vezes prometeu que se fizermos a nossa parte, nada ... tem o poder de impedir que recebamos as bênçãos do reino... Tenho a convicção de que Deus não somente proverá por nós, mas também nos dará meios pelos quais alcançaremos grande felicidade... Seja qual for a nossa designação final, será algo não apenas justo e misericordioso, mas além da imaginação, pois “as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam”. (I Coríntios 2:9.)” (*One Flesh One Heart: Putting Celestial Love into Your Temple Marriage*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1986, p. 57.) □

Renon Klossner Hulet é membro da Ala Quatorze de Butler, Estaca de Salt Lake Cottonwood Heights.

TRATAMENTO DA DESIDRATAÇÃO

*É importante que as famílias SUD saibam
reconhecer os sintomas da
desidratação, como preveni-la e combatê-la.*



Cortesia da Pan American Health Organization

Em todo o mundo, muitas crianças e adultos sofrem problemas causados pela desidratação. Até mesmo nas sociedades mais saudáveis as crianças podem morrer, quando seu corpo perde muita água devido a vômitos e diarreia. Esta perda de água é conhecida como *desidratação*. *Hidratar* significa ter água. *Desidratar* significa perder água. Se nosso corpo perde mais água do que recebe, fica desidratado, e corre risco de vida.

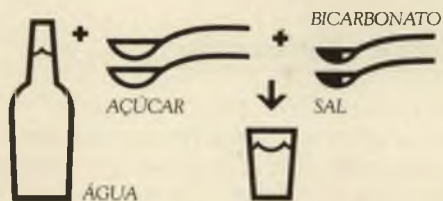
É especialmente fácil uma criança com diarreia ou vômito ficar desidratada. Isto também pode acontecer a uma pessoa enferma, que não ingira alimento ou líquido suficiente. A desidratação atinge pessoas de qualquer idade, mas desenvolve-se mais rapidamente e com maior perigo nas crianças. Qualquer criança com diarreia líquida corre o risco de desidratação.

É importante que cada pessoa da família saiba reconhecer os diferentes sintomas da desidratação, como preveni-la e combatê-la. A pessoa desidratada geralmente fica com a boca seca ou sente muita sede, urina pouco ou nada, ou apresenta urina de cor muito escura. Pode ocorrer vômito ou diarreia. A pele do abdômen não volta ao normal quando beliscada. A moleira da criança afunda. Os olhos podem ficar fundos e secos e pode haver súbita perda de peso.

A Organização Mundial de Saúde recomenda que as pessoas com desidratação bebam um líquido especial, o soro *hidratante* que é o melhor tratamento caseiro para a pessoa desidratada. Este soro substitui o sal e o açúcar, muito importantes, perdidos pelo organismo.

A desidratação pode ser prevenida se a pessoa tomar muito líquido ou soro hidratante aos primeiros sintomas da doença. Isto é especialmente importante para crianças que estejam evacuando água.

SORO HIDRATANTE



Coloque em um litro de água fervida 2 colheres de sopa rasas de açúcar, 1/4 de colher de chá de sal e 1/4 de colher de chá de bicarbonato de sódio. Se não tiver o bicarbonato de sódio, use mais 1/4 de colher de chá de sal. É muito importante preparar este soro

hidratante com as quantidades exatas de cada ingrediente. Antes de administrar o soro, prove-o para assegurar-se de que não está mais salgado que as lágrimas. Pode-se também adicionar uma banana amassada ou água de côco ao soro.



Dê goles deste soro à pessoa desidratada de cinco em cinco minutos dia e noite, até que ela comece a urinar normalmente. Se o paciente for robusto, precisará de três ou mais litros por dia. Uma criança necessitará de pelos menos um litro diariamente ou um copo para cada evacuação líquida.

Continue dando o soro hidratante, em pequenos goles, mesmo se a pessoa vomitar. Nem todo o líquido será vomitado. Se a desidratação piorar, ou se o paciente não urinar dentro de quatro ou seis horas, procure um enfermeiro que possa aplicar soro na veia (solução intravenosa).

Enquanto ministrar o soro hidratante, continue dando alimento e amamentando a criança no seio. Em alguns países os postos de saúde distribuem pacotinhos de "sais hidratantes", para serem misturados com água (geralmente 1 litro). Estes sais são bons mas se não for possível encontrá-los, as mães prudentes poderão aprender a preparar o soro hidratante em casa. Se não tiver os ingredientes necessários, dê água fresca, suco de frutas ou caldo, ao paciente, até poder preparar o soro especial. Seria prudente ter sempre em casa os ingredientes, como parte do plano de preparação familiar. □

A Presidência Geral da Sociedade de Socorro incentiva todas as famílias a aprenderem a identificar e tratar a desidratação. Nas atividades de economia doméstica poderiam ser incluídas mini-classes sobre como reconhecer os sintomas de desidratação e como preparar o soro hidratante.

A M E N

Parece incrível que o cérebro humano tenha capacidade de armazenar um quatrilhão de bits de informação. Se isto é verdade com uma margem de erro de dez ou doze bits, por que é tão difícil memorizar as treze Regras de Fé, as palestras missionárias, e os elementos básicos de um curso de ciências?

Surpreende-me igualmente que haja um estreito relacionamento entre a memória e a disposição de ânimo, entre a memória e o testemunho, a memória e os exemplos, a memória e os pensamentos, a memória e vós. Permiti-me compartilhar algumas idéias sobre estes cinco relacionamentos, no contexto do evangelho.

A Memória e a Disposição de Ânimo

A memória, segundo os entendidos, freqüentemente condiciona a nossa disposição de ânimo. Os que só se lembram de experiências desalentadoras, tendem a tornar-se amargurados e cínicos. Os que se lembram apenas de seus inimigos e das forças que se alinham contra eles, podem perder a coragem. Os que recordam somente as ofensas passadas provavelmente continuam a lutar contra o mundo. Mas os que se lembram dos momentos positivos e alentadores, permanecem felizes e otimistas.

Lembro-me de um missionário com quem trabalhei, o qual tinha um gênio difícil. Sem dúvida alguma ele se consumia com o peso de lembranças desagradáveis, que afetavam toda a sua perspectiva de vida. Como seria terrível alguém passar a existência com tudo distorcido por lembranças negativas.

Ignoro a disposição de ânimo de Enos quando entrou na floresta para caçar animais e teve a sua luta perante Deus. Somos levados a pensar que ele se achava um tanto deprimido, pois não havia recebido a remissão de seus pecados. Entretanto, ao estimular sua memória, lembrar das palavras de vida eterna proferidas por seu pai e refletir sobre a alegria dos santos, a nuvem de desânimo

se dissipou. Pela oração e o exercício da fé, Enos saiu da floresta sentindo-se edificado, tendo seus fardos aliviados (ver Enos 1:1-8).

Quando Alma e seus companheiros procuravam destruir a igreja de Deus, foram repreendidos por um santo anjo que lhes apareceu. Alma afirma que ao lembrar-se de todos os seus pecados, foi afligido por um tormento eterno. Então, ao recordar-se de tudo o que seu pai havia profetizado sobre a expiação de Cristo, algo maravilhoso aconteceu. Ele afirmou: "E eis que, tendo assim pensado, não senti mais dores; e também não fui mais atormentado pela lembrança de meus pecados.

E oh, que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido minha dor.

Sim, digo-te, meu filho, que não pode haver coisa tão intensa e tão cruciante como foram minhas dores. E digo-te ainda, meu filho, que também não pode haver nada mais agradável e doce do que foi a minha alegria." (Alma 36:19-21.)

E agora pergunto: Costumais permitir que vossa mente divague em lembranças do passado que ferem e magoam, tornando-vos cegos a tudo o mais, ou preferis lembrar-vos de coisas positivas e encorajadoras que vos tornam alegres e otimistas? Qual é a disposição de ânimo de vossas recordações? Lembrai-vos de que as lembranças vos pertencem e sois vós que controlais a disposição de ânimo.

A Memória e o Testemunho

Na obra missionária, freqüentemente convidamos nossos amigos pesquisadores a obterem um testemunho lendo o Livro de Mórmon e orando a respeito de seu conteúdo. Nosso ponto de referência é o capítulo 10 de Morôni, versículos 3-5. Geralmente dizemos a nossos amigos: "Lede todo este livro e perguntai a Deus se é verdadeiro." E prometemos, como afirma a escritura, que ele "Manifestará a verdade disso

LÓRIA



O esclarecimento ocorre e a verdade é revelada quando as coisas se encaixam de maneira compreensível. Nesse processo a mente é estimulada, a memória entra em atividade e o coração prepara-se para responder aos sussurros do Espírito.

pelo poder do Espírito Santo”.

Não condeno os que têm usado o processo acima descrito; sugiro, entretanto, um método melhor e mais eficaz. Leiamos os versículos e esclareçamos os quatro passos de um testemunho, dois dos quais costumamos negligenciar: “E eis que desejo exortar-vos, quando (1) *lerdes* estas coisas... que (2) *vos lembreis* da grande misericórdia que tem tido o Senhor para com os filhos dos homens, desde a criação de Adão até a hora em que receberdes estas coisas, as quais (3) *ponderareis* em vossos corações.

...Eu vos exorto a (4) *perguntardes* a Deus... se estas coisas não são verdadeiras; e... ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo.” (Morôni 10:3-4; grifo nosso.)

Dou ênfase às palavras *lembrar* e *ponderar*. Faço isto porque creio firmemente que a leitura das coisas de Deus, sem lembrar e ponderar como elas se enquadram no plano divino, tende a confundir ao invés de esclarecer. O esclarecimento ocorre e a verdade é revelada quando as coisas se encaixam de maneira compreensível. Nesse processo a mente é estimulada, a memória entra em atividade e o coração é preparado para responder aos sussurros do Espírito.

Amom apresentou muitas verdades ao Rei Lamôni antes que este fosse convertido. Entre outras:

“... principiou pela criação do mundo, e também a de Adão, e lhe disse tudo concernente à queda do homem, repetindo e explicando-lhe os anais e as sagradas escrituras do povo, que os profetas haviam anunciado” (Alma 18:36).

De maneira semelhante, Aarão também assim procedeu com o pai de Lamôni.

Ele, como Amom pregou sobre Adão, a Queda, o plano de redenção, e a expiação de Cristo. Tudo isto foi feito para dar às coisas uma perspectiva exata e edificar os alicerces de um testemunho.

Quando nosso testemunho enfraquece, ou parece vacilar ao longo do caminho, porque não nos lembrarmos da misericórdia de Deus? No

processo da rememoração positiva talvez possais experimentar a cura espiritual que o Rei Lamôni e seu pai experimentaram. Quão emocionante é refletir sobre a natureza misericordiosa de Deus, e quão purificador é lembrar das eternas dádivas de Cristo!

A Memória e os Exemplos

Quase todos nós já fomos profundamente influenciados por outros homens e mulheres. Creio que assim deve ser. O Elder James E. Talmage escreveu que o propósito original do Pai era “empregar influências persuasivas de preceitos salutareis e *exemplos edificantes* para com os habitantes da terra, deixando-os, pois, em liberdade de escolher por si mesmos”. (James E. Talmage, *Regras de Fé*, p. 57; grifo nosso.)

Todos nós, acredito, temos no fundo da memória um modelo ou herói. Podeis ter muitos deles. De vez em quando podeis pensar nesse modelo e encontrar nele a necessária inspiração. Isto acontece principalmente quando a decisão que tendes de tomar parece especialmente difícil.

Helamã conhecia o valor das recordações e dos exemplos, pois deu esta instrução a seus filhos:

“... E eis que vos dei os nomes de nossos primeiros pais, que saíram da terra de Jerusalém; e assim fiz para que quando vos recordardes de vossos nomes vos lembreis deles; e quando vos lembrardes deles penseis em suas obras; pois, lembradas estas, podereis saber por que foi dito e escrito que elas eram boas.

Por conseguinte, meus filhos, desejo que pratiquéis o bem, a fim de que possa ser dito de vós, e também escrito, o mesmo que foi dito deles.” (Helamã 5:6-7.)

Não deveis atravancar vossa memória com homens ou mulheres de reputação duvidosa, que vos trarão desapontamentos e vos farão decair. Em vez disso, enchei a mente de gigantes de bondade e, cada vez que pensardes neles, decidi-vos a seguir seus passos e ultrapassar seus feitos.



paleta e os pincéis estão em vossas mãos.

Certificai-vos de que usais as cores adequadas ao pintar vossas recordações do passado.

A Memória e os Pensamentos

Nossa mente é, em grande parte, o produto do que nela colocamos. Este fato, por certo, não causa admiração, pois parece ser conhecimento de todos.

Apesar disso, as pessoas continuam a ler revistas pornográficas, a assistir a filmes sugestivos, e a cantar músicas com letras impróprias. Conscientemente ou não, os que assim

procedem armazenam lembranças poluídas.

Não consigo compreender como alguns membros da Igreja desrespeitam abertamente este conselho divino:

"... que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

O Espírito Santo será teu companheiro



constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade.” (D&C 121:45-46.)

Que mina de ouro cheia de promessas se encontra nesta escritura! Quem, em sã consciência, poria em risco a promessa de confiança, a doutrina do sacerdócio, e a companhia do Espírito Santo?

Não vos deixeis escravizar por pensamentos destrutivos ou degradantes. Eles podem tornar-se tão fortes e incapacitantes como as correntes de ferro de Satanás.

Não vos esqueçais de que memória e pensamentos estão inseparavelmente ligados; um leva ao outro. Assim sendo, adornai vossos pensamentos com virtude, contai vossas bênçãos e fazei-vos acompanhar das grandes mentes da raça humana. Isto construirá para vós um sagrado santuário de agradáveis lembranças.

A Memória e Vós

Diz-se que Deus nos deu a memória para que pudéssemos lembrar-nos das rosas no inverno. Mas também é verdade que sem a memória não poderíamos ter um “eu” em nenhum momento. Quanto mais lembranças tiverdes, maior será o vosso “eu”.

Nunca dei o devido valor às lembranças e ao “eu” até que, com a ajuda de outras pessoas, compilei minha história pessoal. Entreguei uma cópia a minha esposa para que a lesse, e pedi-lhe que a revisasse. Dei-lhe estas instruções: — Você me conhece melhor do que conheço a mim mesmo, por isso, por favor, leia-o cuidadosamente e faça correções no manuscrito. — Meia hora depois, quando voltei para ver como ela estava se saindo, encontrei-a chorando. Então disse: — Oh, está assim tão ruim? — Não — respondeu ela. Está bom demais! — Fez alguma modificação? — perguntei. — Não — disse ela, E você falando, e não quero apagá-lo ou suprimi-lo do registro.

Mais tarde dei cópias de minha história para nossos filhos. Nós dois sabíamos que a obra provavelmente seria colocada em uma estante e lida algum dia. Há algumas semanas, entretanto,

uma de minhas filhas me disse: — Papai, eu o amo muito. — Fiquei imaginando o que havia de errado, e perguntei: — O que fez com que você dissesse isso? — Ela explicou. — Foi sua história pessoal; estive lendo a respeito de sua vida. — E acrescentou: — Nunca havia imaginado o quanto você tinha feito, ou tudo pelo qual passou.

Não lemos que registros mantidos pelos antigos, ampliaram a memória do povo? Sim, isto é verdade. Os registros preservam o idioma, protegem a verdade, e inspiram os futuros leitores se forem adequadamente mantidos.

Seria uma pena negardes a vossos filhos e netos essa parte de vós que realmente deve ser registrada. Certificai-vos de que estais passando para vossa posteridade, juntamente com outras virtudes da vida, vossos pensamentos mais íntimos, vossos sentimentos mais profundos, e vosso testemunho sincero. Deveis esta bênção à geração que está nascendo e ainda muito mais.

Muito mais poderia ser dito a respeito da memória e das recordações, em relação a vós e ao Evangelho de Jesus Cristo. Por exemplo, não falei nada a respeito da necessidade de nos lembrarmos de nossos convênios sagrados, nossos votos, nossas ordenanças. Tampouco falei sobre o papel que a memória desempenhará no Dia do Julgamento.

É minha oração que vos santifiqueis pelo arrependimento e fé na promessa de Deus: “Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro” (D&C 58:42).

Ao mesmo tempo, oro para que vivais de maneira que vosso nome apareça na lista dos justos, e possa ser escrito naquele “livro de memórias” que serve de registro “para os que temiam o Senhor e pensavam em seu nome” (3 Néfi 24:16).

Presto testemunho da importância da memória. Ela realmente molda nossa disposição de ânimo. Ela está associada ao testemunho. Ela deve incluir modelos de retidão. Sem dúvida alguma, ela é o produto dos pensamentos. E, em última análise ela é vós. □

Não vos esqueçais de que memória e pensamentos estão inseparavelmente ligados; um leva ao outro. Assim sendo, adornai vossos pensamentos com virtude, contai vossas bênçãos e fazei-vos acompanhar das grandes mentes da raça humana.

NÃO SE FIE

Genevieve Van Wagenen

Imagine que foi convidado a passear de barco com seus amigos. Infelizmente acontece um acidente e o barco começa a afundar. Você precisa de algo para manter-se à tona. Há no barco diversos equipamentos de salvamento — boias, cintos, argolas, e diversas espécies de coletes e jaquetas para flutuação. Na hora do perigo, agarraria o equipamento mais próximo? Contentar-se-ia com qualquer tipo? Acha que todos servem para o mesmo propósito, e que um é tão bom quanto o outro?

Até recentemente eu afirmaria que um salva-vidas é tão bom quanto qualquer outro. Mas agora, não! O que me fez mudar de idéia?

Há pouco tempo fui a uma exposição de equipamentos de segurança que enfatizava a prevenção de acidentes. O que mais me intrigou foi a exposição dos equipamentos náuticos. Havia uma variedade de equipamentos de segurança que eu já conhecia. Em cada um dos objetos havia um cartão, onde se achava uma palavra escrita em negrito. Nos equipamentos considerados seguros havia um cartão com a palavra SIM; e, nos outros, um cartão com a palavra NÃO. Fiquei admirada. Eu pensava que todos os equipamentos fossem seguros e pudessem salvar a vida de uma pessoa em uma emergência. O homem encarregado da exposição disse: "A maioria das pessoas pensa que todos os equipamentos oferecem perfeita segurança, mas estão enganadas. E isto é uma tragédia. Alguns destes recursos, em vez de salvá-los, enchem-se de água e empurram-nas para baixo, contribuindo para seu afogamento."

Ele fez uma demonstração com diversos equipamentos rotulados SIM e depois explicou: "Se quiserem estar a salvo e seguros, usem apenas equipamentos aprovados."

Enquanto voltava para casa, pensei em como havia sido tola ao presumir que todos os equipamentos de salvamento eram iguais. Comecei a imaginar se estava fazendo outras suposições incorretas, potencialmente tão perigosas.

Veio-me então à mente uma comparação chocante. Existem muitas filosofias de vida diferentes, mas nem todas têm a capacidade de salvar. Algumas podem ser até mesmo armadilhas mortais.

Uma filosofia popular de nossos dias é: "cada um por si".

Já ouviram o chavão "Se você se sente bem fazendo alguma coisa,

faça-a."? Alguns defendem que realmente não importa se você mente, engana ou rouba — desde que não seja apanhado. Em toda a parte somos bombardeados pela mensagem de que o sucesso de uma pessoa na vida é avaliado pelo dinheiro que ganha. Embora estas filosofias, e muitas outras semelhantes, geralmente nos cheguem acondicionadas em bonitas embalagens que as tornam atraentes, elas não nos podem salvar.

Os princípios salvadores do evangelho, conforme ensinados por Jesus Cristo e seus profetas, têm uma outra aparência. Compare: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós." (Mateus 7:12); "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Marcos 12:31); "A iniquidade nunca foi felicidade" (Alma 41:10); e "Nenhum sucesso compensa o fracasso no lar" (David O. McKay).

As filosofias não nos levam à vida eterna. O Salvador ensinou que os credos elaborados pelos homens não têm poder para salvar. "Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens" (Mateus 15:9).

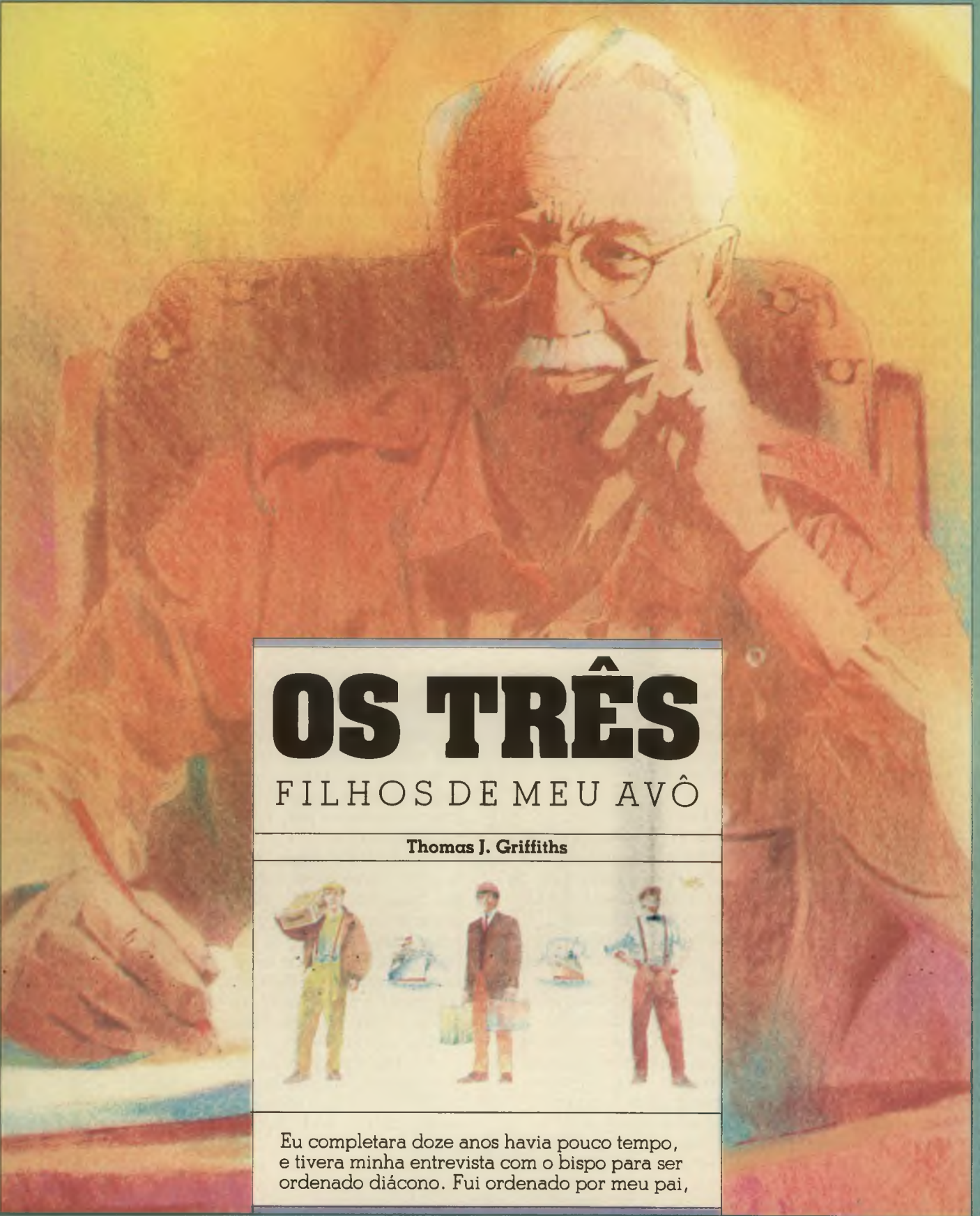




E

le disse também: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mateus 7:21).

Existe apenas um plano de salvação e um caminho que conduz à vida eterna. Não se fie em qualquer coisa, especialmente no que concerne à sua salvação eterna: Mantenha-se informado. Aplique os ensinamentos de Jesus Cristo e de seus profetas. Revista-se da armadura de Deus. Seja para ter segurança na água, ou para ter segurança eterna, fie-se apenas naquilo que tem o objetivo de salvar. □



OS TRÊS

FILHOS DE MEU AVÔ

Thomas J. Griffiths



Eu completara doze anos havia pouco tempo, e tivera minha entrevista com o bispo para ser ordenado diácono. Fui ordenado por meu pai,

Paul Mann

que servira como bispo alguns anos antes. Durante sua oração, ele abençoou-me para que eu pudesse apreciar aqueles que me haviam possibilitado desfrutar das bênçãos da Igreja, e especialmente do sacerdócio.

Tendo apenas doze anos, eu não compreendi muito bem o que ele queria dizer. No domingo seguinte ajudei a distribuir o sacramento. Mamãe se preocupava muito em verificar se eu estava adequadamente trajado para a ocasião, enquanto papai apenas olhava para mim e sorria.

Devo confessar que foi um acontecimento interessante e emocionante para mim. Ser um diácono significava que eu estava crescendo, e aquela era uma idéia consoladora.

Naquele dia, depois do almoço, papai aproximou-se de mim trazendo um livro da história da família. Ele explicou que era o diário, ou a história da vida de meu avô, que vivera no País de Gales.

"Quero que leia isto, especialmente estas últimas páginas." Assim dizendo ele colocou o livro na mesa, em minha frente, e saiu.

Ora, por que um menino de doze anos de idade iria querer ler um livro velho daqueles, quando lá fora havia amigos com quem brincar? Havia apenas uma boa razão, a de que meu pai queria que eu o lesse. Ele colocara um marcador na página onde eu deveria começar.

Este é o trecho que li:

É novembro e está frio lá fora. Posso ouvir o vento assobiando por entre as árvores do bosque. Estou sentado em frente à lareira em minha velha cadeira de espaldar de couro, com o velho xale de tricô de minha mãe em meu colo. À meu lado há uma pequena mesa, e estou escrevendo num bloco de papel pautado. As linhas são bem separadas umas das outras porque a minha vista já não é tão boa como antigamente. As chamadas tremulantes parecem estimular meus pensamentos, e lembro-me dos anos em que minha querida esposa e eu nos filiamos à Igreja. O vento agitava as ondas do oceano quando entramos na água da costa de Gales. Bess esperava um filho, e estava com a saúde abalada e se preocupava com os efeitos da água fria em si e na criança que ia nascer. O élder que presidia o batismo abençoou-a para que tudo corresse bem, e para que a água fria não causasse nenhum mal. E assim aconteceu.

Existem outros lugares em minha história onde relatei as perseguições que sofremos, mas agora tenho que falar-lhes sobre meus três filhos.

William era o primogênito, e desde o início houve um profundo vínculo afetivo entre ele e sua mãe. Quando ele era jovem, ela faleceu repentinamente, deixando-o inconsolável. Nunca mais foi o rapaz descontraído que eu conhecera. Tornou-se calado e distante. Um dia procurou-me e disse: "Pai, decidi sair de casa e ir para a América. Quero ir para Sião onde vivem os santos. Solicitei um visto permanente e, quando o receber, partirei". Cerca de um ano mais tarde o visto foi concedido, e William fez os preparativos para a viagem.

Chegou o dia da partida. Como posso descrever esse dia? Fiquei na porta de nosso chalé, na encosta da colina, vendo-o descê-la com seu baú sobre o ombro. Sabia que nunca mais o veria, e parte de mim foi com ele. Sentiria sua falta? Sentiria falta do sol se de minha janela não mais o visse erguer-se por sobre as montanhas? Era meu filho primogênito, cuja vida fora sempre uma lição de fé e humildade. Ele era o pacificador da família. Os dias se passaram, aliviando a dor que sentia em meu coração. Suas cartas chegavam regularmente, contando-me da alegria que sentia por estar com os santos.

Um dia, cerca de um ano mais tarde, John, meu segundo filho, disse-me ao jantar: "Pai, decidi ir encontrar meu irmão na América. Solicitei um visto permanente."

Olhei para o rapaz, que mal atingira a idade adulta. Como ele era diferente de seu irmão! Era um belo rapaz com cabelos escuros e um pouco encaracolados. Tinha um sorriso cativante, e era muito popular entre as jovens. De certa forma ele fazia com que eu me lembrasse de mim mesmo naquela idade. Eu também tinha cabelos escuros e um pouco encaracolados e era muito requisitado pelas jovens. Mas um dia encontrei Bess e ela roubou meu coração.

Acompanhei-o até a estação ferroviária e lhe disse adeus. Minhas lágrimas molharam seus ombros quando o trem entrou na estação. Quando o trem partiu, senti como se parte de minha vida fosse naquele trem.

O caminho de volta para casa foi o mais solitário de minha vida. Tive que me esforçar muito para

banir a amargura de meu coração. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que eu tanto amava, tinha levado meus dois filhos.

Ivor, meu terceiro filho, ainda vivia na aldeia. Mas ele não permaneceria comigo por muito tempo. Ele nascera de sete meses e era tão pequenino que sua mãe o carregava em um travesseiro. Ele chegou à idade adulta mas sofria de um problema cardíaco. Era o poeta da família, e embora tivesse pouca saúde, estava sempre feliz. Ainda posso ouvi-lo cantar para as árvores do bosque que havia ao lado de nossa casa. Lembro-me de que poucos dias antes de seu coração falhar, ele subiu comigo até a campina e de lá contemplou o vale. Tomando-me pela mão, disse gentilmente: "Ouça, meu pai" e lá do fundo do vale veio o canto melancólico de um pássaro cuco. "Não é adorável? O cuco anuncia a chegada da primavera. Logo a planície estará branca coberta de margaridas silvestres, e os pássaros cantarão alegres melodias. Oh, meu pai que magnífico é o mundo que Deus nos deu."

Ele morreu dormindo, e foi enterrado ao lado de sua mãe no pequeno cemitério da colina.

O funeral foi um grande acontecimento em nossa aldeia. Foi o primeiro funeral SUD realizado lá. Muitas pessoas compareceram por curiosidade, mas a maioria delas porque amava e respeitava Ivor. O Sr. Jones, dono da funerária, trajando um terno preto e cartola, conduziu a carroça com o caixão, puxada por uma parelha de cavalos negros.

O cemitério ficava perto e os acompanhantes seguiam atrás do coche. Logo os habitantes da aldeia começaram a cantar. De início suas vozes

eram calmas como a brisa de verão sobre as montanhas. Então, à medida que proferiam as palavras do hino que dizia: "Alimentai-me até que

eu não mais queira", suas vozes se ergueram em um grande crescendo como ondas quebrando-se contra os rochedos da praia. Oh, povo da minha terra, seu cântico de despedida ainda está em meu coração, e sei que meu filho e minha Bess o ouviram.

Ao voltar para casa depois do funeral, tirei da gaveta as cartas de meus filhos e as li de novo. Meu filho mais velho escrevera: "Agora sou líder dos sumos sacerdotes, e também supervisor no templo. Sou tão grato por ter-me ensinado o evangelho."

A carta do segundo filho dizia: "Hoje estou muito emocionado, pois fui ordenado bispo de minha ala. Como posso agradecer-lhe o bastante por ter-me ensinado o

evangelho?"

O fogo está se apagando, e minha mão está tão cansada que já não posso escrever.

As palavras seguintes eram escritas com a caligrafia de meu pai:

Seu avô faleceu alguns dias depois, e foi enterrado ao lado de sua esposa e do terceiro filho.

Ao terminar a leitura ergui os olhos e vi meu pai em pé a minha frente.

Seus olhos estavam marejados de lágrimas como os meus, mas um menino de doze anos não consegue ficar triste por muito tempo.

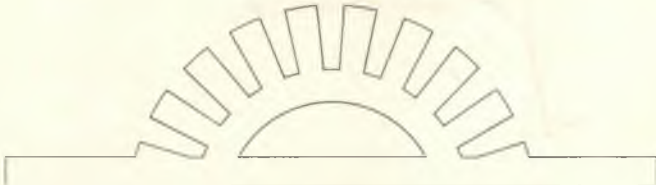
— Pai, você era o segundo filho?

— Sim, meu filho, eu era o segundo.

— Seu cabelo já não é preto, mas ainda é um pouco encaracolado. □







MENSAGENS DE ESPERANÇA



Que vossa mente se encha com a meta de vos tornardes como o Senhor, e expulsareis os pensamentos depressivos, quando ardentemente buscardes conhecê-lo e fazer a sua vontade." (Presidente Ezra Taft Benson.)

"Sê fiel a Cristo, meu filho, ... possa (ele) te animar, e possam os seus sofrimentos e morte, a manifestação do seu corpo a nossos pais, (sua ressurreição) sua misericórdia e longanimidade, a esperança de sua glória e vida eterna, permanecer em teu espírito para sempre." (Morôni 9:25.)

"Ora o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança pela virtude do Espírito Santo." (Romanos 15:13.)

"E agora, meus queridos irmãos, vendo que nosso misericordioso Deus nos fez saber tanto sobre estas coisas, lembremo-nos dele. Deixemos de lado nossos pecados e não inclinemos nossas cabeças, pois que não fomos afastados dele." (2 Néfi 10:20.)

"Não permitais que a infâmia, não permitais que o pecado, não permitais que o que acontece no mundo vos abata. Não foi para isto que Cristo veio ao mundo; não permitais que isto vos magoe. Permiti que ele vos edifique. E deixai que tudo o que ele representa para nós viva para sempre em vossa mente." (Elder Marion D. Hanks.)

"Não importa o que tenha sido vosso passado, tendes um futuro imaculado." (Presidente Hugh B. Brown.)

"Tendo o evangelho em nossa vida, e os pés firmemente plantados no caminho que conduz ao reino celestial, podemos ir avanti e para o alto. Teremos algumas subidas íngremes a percorrer, mas nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo fez o convênio e a promessa de galgar conosco cada passo do caminho. Sua esperança, quando associada à de milhares de outras pessoas, pode trazer a luz e esperança do Evangelho de Jesus Cristo a um mundo conturbado." (Ardeth G. Kapp, Presidente Geral das Moças.)

"Na mensagem do Divino Redentor há uma oferta de esperança para todos, inclusive para os que se sentem pobres em espírito e oprimidos, não amados e feios. E a esperança transcendental de um novo nascimento. Há uma grande libertação para os que nascem do espírito." (Elder James E. Faust.)

"Temos uma esperança em Cristo aqui e agora. Ele morreu por nossos pecados. Por causa dele e do seu evangelho, nossos pecados são lavados e eliminados nas águas do batismo; o pecado e a iniquidade são consumidos de nossas almas como que por fogo; e nos tornamos limpos, temos a consciência tranqüila, e ganhamos a paz que ultrapassa o entendimento.

Temos uma esperança eterna em Cristo. Sabemos que esta vida nos foi dada, a fim de nos prepararmos para a eternidade." (Presidente Spencer W. Kimball.)

“E, quando comiam,
Jesus tomou o pão, e,
abençoando-o, o partiu, e o deu aos
discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é
o meu corpo. E, tomando o cálice, e
dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei
dele todos; Porque isto é o meu
sangue, o sangue do novo testamento,
que é derramado por muitos, para
remissão dos pecados.”

Mateus 26:26-28
